

# A CULTURA CIENTÍFICA E A GAZETA DO RIO DE JANEIRO (1808-1821)

JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA

*RESUMO - Este trabalho aborda o papel que a Gazeta do Rio de Janeiro desempenhou na constituição da cultura científica brasileira durante a presença de D. João VI no Brasil – 1808 a 1821. Como primeiro periódico brasileiro, não destinado a divulgação científica, apenas coadjuvou a difusão de aspectos das atividades científicas da época. Apesar disto, e de forma surpreendente, abrigou um discurso de Georges Leopold Cuvier, pronunciado a 24 de abril de 1816 na Academia de Ciências de Paris com o título: Reflexões sobre a marcha atual das ciências, e sobre todas as suas relações com a Sociedade que pode ser considerado o primeiro trabalho de sociologia da ciência traduzido e publicado em Português aqui no Brasil. O sentido e a importância desse artigo é discutido neste trabalho.*

*ABSTRACT - This work deals with the role that "A Gazeta do Rio de Janeiro" played in the constitution of Brazilian scientific culture under the government of Don John VI (1808-1821). "A Gazeta do Rio de Janeiro" - the first newspaper published in Brazil - contributed to some extent to the development of taste for scientific knowledge within the Brazilian society. Although a Gazeta was not a scientific periodic it published a relevant material on the subject. This work will also analyze one article published in this newspaper: the speech by Georges Leopold Cuvier titled "Reflection on the current development of science and its relationship with society" (1816) which can be considered the first article of Sociology of Science (or Science Policy) published and translated to Portuguese in Brazil.*

## Introdução

O que se propõe neste texto é examinar o papel da *Gazeta do Rio de Janeiro* na constituição da cultura científica brasileira no período em que a corte portuguesa esteve no Brasil (1808-1821).

A presença de D. João no Brasil proporcionou uma irrupção das atividades científicas no Brasil em princípios do século XIX. Além de criar várias instituições, que tinham entre suas finalidades um cuidado com ciência, ensinou a liberdade de imprensa. Entre as instituições que ganharam cidadania no Brasil e passaram a ter as atividades científicas como sua razão de existência sobressaíram-se: a Academia Real Militar, a Academia de Guardas Marinhas, o Museu Real, o Jardim Botânico (todas no Rio de Janeiro) e Academias Médico - Cirúrgica (no Rio e Bahia). Nestas instituições, a prática e o estudo das ciências tomaram a forma de ensino; abrigaram coleções de produtos da natureza afim de propagar os conhecimentos científicos; serviram de base para melhoramento das atividades cotidianas de medicina e de engenharia, da navegação e da arte militar. Como consequência, aumentou-se o contingente de pessoas preocupadas

Revista da SBHC, n. 17, p. 29-58, 1997

com os assuntos científicos, além de as instituições influírem para despertar na sociedade a importância e o gosto pela ciência. O governo incentivou e ao mesmo tempo interferiu decididamente em quase todas as iniciativas visando o desenvolvimento da ciência, empenhando-se sempre em lembrar as utilidades práticas do saber científico. A idéia de ciência enquanto saber desinteressado não teve clara acolhida e tampouco seguidores notáveis no período mas, ocasionalmente, foi lembrada. A importância do desenvolvimento da pesquisa científica, isenta de preocupações de ordem prática, como essencial para novos avanços científicos, era uma prerrogativa a que não se podia mais abandonar. O jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*, em pelo menos uma ocasião, como será visto adiante, foi protagonista da difusão de idéias contemplando a tensão existente entre ciência teórica, desinteressada - mesmo contando com a experimentação - e ciência utilitária, ciência que objetivava um fim prático e econômico. A extensão, o ineditismo e a singularidade da propagação de matéria desse cunho, no Brasil, na *Gazeta* da época, causa um certo espanto, muito embora na Europa onde a profissionalização do cientista e atenção às atividades puramente científicas, sem apego às suas possíveis aplicações, comece a ganhar densidade, ao lado de motivações de ordem utilitária.<sup>1</sup>

Na Europa, a ciência do século XIX já se tornara um importante apêndice para a produção.<sup>2</sup> Ela se tornou um valioso auxiliar da produção, integrando-se com a técnica, principalmente nos países de capitalismo avançado. Nenhum governo de países pertencentes ao sistema capitalista e, portanto, desejosos de uma produção mais intensa, eficiente e lucrativa, poderia descartar os benefícios que o conhecimento científico poderia proporcionar a produção econômica. De qualquer forma, não se tratava de livre exercício da vontade dos governantes - querer a ciência para fins produtivos - e sim de uma exigência imposta pelo desenvolvimento da produção econômica, que ocorria ao compasso de revolução industrial, para atender um mercado mais vasto, desejoso de novidades e melhor qualidade de produtos, onde então, os meios de produção, requisitavam precisão, ritmo e controle, quesitos afeiçoados ao saber científico.<sup>3</sup> Além disso, essa ciência moderna, do século XIX, não poderia sobreviver sem uma ampla divulgação de suas descobertas; sem um intercâmbio 'mais ágil, entre os produtores de ciência, com respeito aos seus estudos e pesquisas; sem um apoio do Estado; sem um alargamento do ensino através de uma ativa

---

<sup>1</sup> Não foi por simples acidente que as grandes formulações intelectuais da ciência, as modificações técnicas da indústria e a dominação econômica e política do capitalismo cresceram e floresceram juntas nos mesmos períodos e nos mesmos locais. Contudo, as suas inter-relações não são de forma alguma fáceis de destrinçar. Técnicas, formas econômicas, conhecimentos científicos, tudo estava a crescer e a transforma-se rapidamente durante este período; uma das vezes um desses fatores parece tomar a dianteira, outras vezes é outro que o ultrapassa. (Bernal, *Ciência na História*. v. 3, p. 506). Escolhendo-se, como ilustração, um pequeno período que antecede a vinda da corte ao Brasil, por exemplo, entre os anos de 1800 e 1808, e recorrendo a um trabalho de Isaac Asimov (1993, p. 23,24) pode-se listar as descobertas ocorridas. Em 1800: a) Invenção da Platina maleável; b) publicação do estudo dos tecidos; c) descoberta do óxido nítrico, d) invenção da iluminação a gás; e) descoberta da radiação infravermelha; f) decomposição da água por meio de eletrólise; g) invenção da bateria elétrica. Em 1801: a) descoberta do nióbio; b) demonstração da existência das ondas luminosas; c) descoberta da radiação ultravioleta; e) classificação dos invertebrados, fundando a ciência da zoologia invertebrada; e) descoberta do primeiro asteroide, Ceres; f) invenção do tear de Jacquard. Em 1802: a) descobertas de mais asteroides; b) descoberta do tântalo. Em 1803: a) proposição do conceito de peso atômico; b) investigação e aceitação da existência dos meteoritos; c) descoberta do cério, ósmio e irídio. Em 1804: a) uso dos balões para pesquisas científicas; b) demonstração da locomotiva a vapor sobre trilhos; c) traçado do curso do Rio Missouri. Em 1805 : a) descoberta da morfina. Em 1806: descoberta do primeiro aminoácido, a aspargina. Em 1807: a) barco a vapor alcança sucesso comercial; b) descoberta do sódio e do potássio. Em 1808: descoberta da luz polarizada. Nesta lista pode-se notar as invenções utilitárias e as descobertas dentro do campo da ciência teórica, desinteressada.

<sup>2</sup> A propósito, veja-se o que Braverman, (1977, p. 138) diz a respeito: "A Ciência é a última - e depois do trabalho - a mais importante propriedade social a converter-se num auxiliar do Capital."

<sup>3</sup> Remeto novamente a Braverman, 1977 p.137,138.

produção de manuais e textos, para ficar apenas nos aspectos que exigem a presença da coisa escrita, e portanto, da liberdade de imprensa. Isso porque o desenvolvimento da ciência enquanto teoria, no século XIX, necessita de amplo debate, cooperação e intercâmbio de informações.

O governo Português aqui instalado, entre outras finalidades, procurando ingressar de alguma forma nessa marcha, torna repentinamente a imprensa livre, mas, impregnado de um passado obscurantista, com relação a sua colônia, coloca a censura como uma arma de controle de divulgação. Mesmo com essa limitação, a presença da imprensa, foi uma medida salutar ao meio cultural, principalmente, no que tange às atividades científicas.

Se era necessário estabelecer o Rio de Janeiro como sede do reino português, e deixar de considerar o Brasil uma mera colônia, era preciso a formação endógena de mão de obra capacitada para administrar o país e atender aos anseios, pelo menos da elite aqui sediada, e dar continuidade aos interesses do governo português em jogo – dentro do contexto de iluminismo e reforma pombalina ainda influente. Essa formação de especialistas, em profissões que passam a desempenhar um papel central no mundo do comércio capitalista, exigiam a difusão conhecimentos mais elaborados, divulgação de livros e manuais. Não é por acaso, então, que no período em que a corte portuguesa esteve no Brasil deu-se o aparecimento de vários jornais e periódicos, manuais, livros, etc. A preocupação aqui é apenas com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, embora outros periódicos tenham desempenhado papéis – até mais importantes – na difusão dos assuntos científicos em terras brasileiras: lembro aqui do *O Patriota*, do *Idade d'Ouro no Brasil*, do *Correio Braziliense* e do *O Investigador Português* (estes dois últimos publicados em português na Inglaterra). Eles serão alvo de estudos em outros textos.<sup>4</sup>

## **O aparecimento da Imprensa no Brasil.**

A imprensa, fato novo no Brasil colonial, com a presença física da corte, desempenhou um papel, se não à altura dos anseios científicos, pelo menos registrou em alguns momentos a movimentação que existia nesse campo. O aparecimento da imprensa, seja ela oficial, áulica ou meramente informativa, era o marco do fim da intransigência cultural. O livro, a coisa escrita, não era mais pecado. Werneck Sodré narra que nos fins do século XVIII, começaram a aparecer bibliotecas particulares, os autos das “inconfidências” as revelam, no intuito de agravar a sorte dos acusados: ler não era apenas indesculpável impiedade, era mesmo prova de crimes inexpríveis. No entanto aqueles que estudavam na Europa, traziam livros e até os emprestavam. Porém a entrada de livros, - salvo aqueles cobertos pelas licenças da censura, - eram, em geral, clandestina e perigosa. Os livros que contavam coisas da terra não tinham então, antes do período joanino, aquelas licenças, ou, em alguns casos, quando as recebiam, como o de André João Antonil (1649-1716), impresso em 1711, no Reino naturalmente, sofriam apreensão imediata. Ele foi confiscado e destruído, sobraram, três exemplares, e isso permitiu que, um século depois, fosse novamente impresso e circulasse. (Sodré, N. W., 1966, p.14)

Era o fim do contrabando do livro, da censura obstinada a coisa escrita. Com a abertura dos portos, e conseqüente aumento de volume de bens culturais a entrar no Brasil: “os abomináveis príncipios franceses” - como dizia D. Rodrigo de Souza Coutinho (1745-1812) - passaram a entrar em maior volume. Não tardariam providências para impedir sua circulação: a provisão de 14 de outubro de 1808 ordenava aos juizes da alfândega que não admittissem o despacho de livros ou papéis impressos sem que lhe fosse mostrada a licença do Desembargo do Paço; em 30 de maio de 1809, o Intendente Geral da Polícia, Paulo

---

<sup>4</sup> O presente texto é parte da tese de doutorado do autor. *A cultura científica no Brasil durante o Governo de D. João (1808-1821)*. O segundo capítulo da tese trata da relação, de forma mais global, dos periódicos com a constituição da cultura científica. São analisados o papel que tiveram no desenvolvimento científico brasileiro os periódicos: *Gazeta do Rio de Janeiro*, *O Patriota*, *O Correio Brasileiro*, *O Investigador Português* e *O Idade d'Ouro do Brasil*. Este artigo, em pauta, destaca apenas o papel da *Gazeta do Rio de Janeiro* ficando para outras oportunidades a análise dos demais periódicos.

Fernandes Viana, baixa edital, para determinar que os avisos, anúncios e notícias de livros à venda, estrangeiros ou nacionais, só fossem publicados depois da aprovação policial. (Sodré, N. W., 1966, p. 17,29) Não era, pois, a liberdade irrestrita mas também não era uma censura ostensiva. Contudo, era ainda um ato prejudicial ao desenvolvimento cultural.

Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (1774-1823) em *O Correio Brasiliense*, percebia ainda a situação, nada boa para o desenvolvimento científico, pois para ele as restrições ainda perduravam. Ele apontava em seu periódico os entraves causados pela censura, no campo da ciência, exatamente onde o governo português esforçava-se por dinamizar. Para Hipólito, a nação portuguesa tinha muitos homens de talento, de erudição e conhecimentos. Entretanto, dizia que os entraves, a se opor as ciências, eram ainda algumas perseguições, que sofriam os homens de letras fazendo com que esses talentos ficassem sopitados. Hipólito insurgia-se contra as medidas de censura do governo. Segundo o jornalista, elas indicavam as dubiedades do governo para com o desenvolvimento científico. O redator do *Correio* dizia querer mostrar onde existia o mal, para que as nações estrangeiras não acusassem o país, de falta de propensão para as ciências. Desta forma, observava:

“Se agora ressuscitasse o grande Newton, e quisesse publicar em Portugal, os seus Princípios Matemáticos, ou outra produção do seu gênio, ainda melhor, seria essa obra mandada rever, por alguns desses sábios do Aerópago português, que tem na sua mão o poder de dispensar as luzes à Nação; e se o frade, a quem a obra fosse distribuída para censura, assentasse, que as proposições Matemáticas, que ele não entendia, deviam, por isso mesmo, ser suprimidas; bem podia o grande Newton tornar a morrer, e enterrar-se junto com a sua obra, porque Portugal, e o mundo estava sentenciando a ser privado do benefício daquela obra; e pergunto agora de quem era culpa, falta de gênio em Newton, ou defeito do governo, que admite tais regulamentos? (...) Muitas obras são proibidas em Portugal; porque os censores não sabem de que elas tratam. E toda a produção que estes focos da ciência não aprovam é má. Todo o mundo sabe que se o autor a quem se proibe uma obra proferisse a menor queixa teria finalmente, ou uma mordada na inquisição, ou uma prisão de segredo por ordem da chamada Polícia.”<sup>5</sup>

Alguns dos quesitos fundamentais para o livre exercício dos conhecimentos científicos parecem não ser seguido à risca pelo governo, pois é Hipólito mais uma vez que diz:

Em uma país aonde não se permite a discussão pública, ou particular, das matérias mais importantes ao homem que vive em sociedade, não é possível que alguma ciência prospere; primeiro porque as ciências todas tem entre si tal nexa e conexão que mal se pode conceber a interrupção de um ramo sem que os outros se ressintam da restrição; e segundo, porque o espírito humano, para discorrer, e escolher os objetos de suas meditações, necessita de plena liberdade em todos os pontos [...]”<sup>6</sup>

De qualquer modo, para combater os abomináveis princípios franceses, para informar ou difundir as ações de governo, ou outro motivo, surge no Rio a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808. Mais tarde, aparece a *Idade d'Ouro do Brasil* em 1811, na Bahia. Ambos desfrutavam do privilégio de serem periódicos com licença de impressão e circulação. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, que servirá de modelo a jornais e revista que sairão no Rio e, mais tarde, no resto do país, foi de início redigida por Tibúrcio José da Rocha, oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, que controlava o Jornal. O *Idade d'Ouro do Brasil*, teve também um vínculo oficial, no período joanino embora tenha sido de iniciativa de um negociante Manoel Antonio da Silva Serva.

<sup>5</sup> *Correio Brasiliense*, Londres, Impresso por W. Lewis Paternoter-Row, volume I, nº 5, outubro de 1808, na seção “Literatura e Ciências, p. 382/383.

<sup>6</sup> Citado por Wilson Martins. *História da Inteligência Brasileira*. volume II (1794-1855), São Paulo, Editora Cultrix / Editora Universidade de São Paulo, 1977, p.33.

## Gazeta do Rio de Janeiro

No dia 10 de setembro de 1808, saiu o primeiro periódico impresso no Brasil: *A Gazeta do Rio de Janeiro*. Tinha 4 páginas, era distribuído aos sábados e, depois do segundo número, também as quartas-feiras. As assinaturas eram semestrais e eram vendidos na loja de Paulo Martim Filho. No trabalho de Juarez Bahia encontra-se a seguinte constatação: “Era um pobre papel impresso, preocupado quase que tão somente com o que se passava na Europa[...]. Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado”. Armitage situou bem o que era a *Gazeta do Rio de Janeiro*:

“por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os princípios da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias, natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. Não era um jornal de pauta variada, de seções(...). Foi criado para veicular informações administrativa e relatar a movimentação social do Reino. Era então o único aqui editado [Rio], absorvendo a história de forma documental, contendo editais, pequenos anúncios, leilões, perdidos e achados, atos do governo. É cheio de anúncios porque não cobrava nada por sua publicação”.<sup>7</sup>

Carlos Rizzini faz as seguintes observações: “apesar de possuir os requisitos ordinários do jornal, não exerceu a *Gazeta* a função social já assumida no mundo pela imprensa, Abreviava-se em enfadonhos róis de atos oficiais, convenientes apanhados de folhas européias e intermináveis ditirambos à família reinante”.<sup>8</sup> Todavia olhando para o jornal com certa minuciosidade pode-se colher muitos frutos, a princípio inesperados. Mesmo que a *Gazeta* não tenha sido um jornal especializado nos assuntos científicos, dificilmente poderia ficar totalmente alheio aos fatos do mundo da ciência.

Como jornal oficial, excluía qualquer referência a temas políticos, sociais ou religiosos que poderiam trazer alguma espécie de polêmica. Havia uma junta que se encarregava de “limpar” as matérias. Nesta junta aparecem nomes de pessoas ligadas ao ensino e à divulgação da ciência no país. José Bernardes de Castro, um dos colaboradores do *O Patriota*, como oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, e dois brasileiros José da Silva Lisboa (1756-1835), mais tarde, Visconde de Cairu, e Mariano José Pereira da Fonseca (1773-1848), que viria a ser, por sua vez, Marques de Maricá.

### Censores: pessoas ligadas à divulgação da ciência

Nomeados como censores aparecem vários nomes. José da Silva Lisboa (Visconde de Cairu) era bacharel em direito Canônico e Filosofia pela Universidade de Coimbra. Durante o Império foi Senador pela Bahia, onde nasceu; desembargador do Paço e membro de várias sociedades de cunho científico: Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, Sociedade de Agricultura da Bahia. No exterior pertenceu à Sociedade de Agricultura de Munich, à Sociedade Filosófica de Filadélfia, à Sociedade de propagação das Ciências Industriais de Paris, ao Instituto Histórico de França e ao Instituto Real para a Propagação das Ciências Naturais de Nápoles. Ainda durante o Império foi do Conselho do Imperador. Lecionou grego e

<sup>7</sup> Juarez Bahia. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. São Paulo, Editora Ática, 2 volumes, 1990, p. 18. Ver também Nelson Werneck Sodré, op. cit. p.14.

<sup>8</sup> Carlos Rizzini. *O Livro, O Jornal e a Tipografia no Brasil: 1500-1822 com um breve estudo geral sobre a informação, meios de comunicação, correio, catequese, ensino, sociedades literárias, maçonaria, etc.* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, 1988, p. 322. Outros dados para a caracterização do periódico podem ser extraídos de Rizzini: “A 10 de setembro de 1808 saiu à luz na Imprensa Régia a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro periódico estampado no Brasil. Tinha 4 páginas, In 4º, raramente 6 ou 8, e devia correr aos sábados, mas desde o segundo número declarou circular também às quartas-feiras, custando a assinatura semestral, a domicílio, 3\$800, incluídas as edições extras, e o exemplar avulso \$080, na loja de Paulo Martin Filho, mercador de livros. Passou a tri-semanal de Julho de 1821 em diante. Nada cobrava pela publicação de anúncios. Idem, p. 332.”

hebraico em Portugal. Na Bahia, ensinou filosofia e grego antes da vinda da Corte para o Brasil. Foi deputado da junta do comércio, agricultura, fábricas e navegação [...] Versado em línguas da Europa e até da Ásia, conhecedor de sua literatura, profundo em várias ciências, um sábio enfim, seus próprios desafetos o reverenciavam. Seus escritos situam-se em sua grande maioria no campo da Economia.<sup>9</sup>

José Bernardes de Castro, também censor, foi um dos colaboradores do *Patriota*. O outro brasileiro era Mariano José Pereira da Fonseca, formado em Matemática e Filosofia em Coimbra. Estava no Brasil antes da chegada da Corte e, tendo participado da Sociedade Literária do Rio de Janeiro<sup>10</sup>, foi preso por mais de dois anos. Além de Censor Régio da imprensa ocupou vários cargos públicos: membro da junta de comércio, administrador e tesoureiro da fábrica de pólvora e da imprensa régia. Participou da elaboração da constituição e chegou a ser Ministro da Fazenda de 1823 a 1825, sendo também no Império senador pela província do Rio de Janeiro e conselheiro de Estado. Não produziu, ao que consta nenhuma obra no campo da cultura científica. (Sacramento Blake, 1970, v. 6, p. 238)

<sup>9</sup> Sacramento Blake, (1970, v. V, p. 193/203) arrola, e em alguns casos comenta, muito de sua produção. Destacamos aqui, entre as 80 obras atribuídas a autoria do Visconde de Cairu, as referentes a ciência econômica ou que guardam alguma relação com a cultura científica: 1) *Princípios de direito mercantil e leis de marinha para uso da mocidade portuguesa destinada ao comércio* (Lisboa, 1798-1801-1803 em oito tomos; 2) *Princípios de Economia Política para servir de introdução à Tentativa econômica do autor dos Princípios de direito Mercantil* (Lisboa, 1804 inspirado nas idéias de Smith); 3) *Observações sobre o comércio franco do Brasil* (Rio de Janeiro, 1808-1809); 4) *Observações sobre a prosperidade do Estado pelos liberais princípios da nova legislação do Brasil* (Rio de Janeiro, 1810 com segunda edição na Bahia em 1811); 5) *Observações sobre a franqueza da indústria e estabelecimento de fábricas no Brasil, em duas partes* (Rio de Janeiro, 1810 e segunda edição na Bahia, 1811, só primeira parte); 6) *Reflexões sobre o comércio dos seguros* (Rio de Janeiro, 1810); Razões dos lavradores do Vice-Reinado de Buenos Aires para a franqueza do comércio com os Ingleses contra a representação de alguns comerciantes e resolução do governo. Com apêndice de observações e exame dos efeitos do novo regulamento nos interesses comerciais do Brasil. (Rio de Janeiro, 1810); 7) *Refutação das declamações contra o comércio Inglês, extraída de escritores eminentes* (Rio de Janeiro, 1810 em duas partes); 8) *Extratos das obras políticas e econômicas de Edmond Burke* (Rio de Janeiro, 1812); 9) *Memória econômica sobre a franqueza do comércio dos vinhos do Porto* (Rio de Janeiro, 1812); 10) *Ensaio sobre o estabelecimento de bancos para o progresso da indústria e riqueza nacional* (Rio de Janeiro, 1812); 11) *Memória dos benefícios políticos do governo d'El Rei, nosso senhor, D. João VI* (Rio de Janeiro, 1818); 12) *Sinopse da legislação principal do Sr. D. João VI pela ordem dos ramos de economia do Estado* (Rio de Janeiro, 1818); 13) *Estudos do bem comum e economia política ou ciências da leis naturais e civis de animar e dirigir a geral indústria e promover a riqueza nacional e prosperidade do Estado* (Rio de Janeiro, 1819-1820); 14) *O espírito de Vieira ou seleta de pensamentos econômicos, políticos, morais, literários com a biografia deste celebrado escritor* (Rio de Janeiro, 1821); 15) *Introdução à História dos principais sucessos políticos do Brasil* (Rio de Janeiro, 1825); 16) *Escola brasileira ou instrução útil a todas as classes* (Rio de Janeiro, 1825); 17) *Considerações sobre as doutrinas econômicas de J. B. Say* - Na Minerva Brasiliense, 1844 e 1845; 18) *Ensaio econômico sobre o influxo da inteligência humana na riqueza e prosperidade das nações* - No Guanabara, 1851; e 18) *Da liberdade do trabalho, na mesma revista*.

<sup>10</sup> Sobre as Academias e Sociedades Literárias e Científicas do Rio de Janeiro ver: Walter Cardoso. (1991, p. 298 e 299). Sobre os eventos de dissolução da Sociedade assim ele se refere: *Embora aparentasse um futuro promissor, a Sociedade Literária acabou sendo envolvida pela crise política brasileira de seu tempo. Eis pois que, ao receber o Governo (1790), o Conde de Resende defrontou-se com o fantasma das "abomináveis idéias", propagadas pelos espíritos liberais. A Inconfidência Mineira constituía grave acontecimento, cuja repetição no Rio de Janeiro não poderia permitir. Assim, embora inicialmente autorizada pelo vice-rei a funcionar, a sociedade passou pouco depois a ser vista como um clube de jacobinos, que conspiravam contra o Governo. Ante denúncia movida por inimizades várias, fez-se devassa sobre seus membros, de dezembro de 1794 à fevereiro de 1795. Como resultado, ocorreu o encarceramento de alguns deles, entre os quais figuram os nomes de : Jacinto José da Silva, médico formado por Montpellier; Mariano José Pereira da Fonseca, bacharel de Filosofia, mais tarde Marquês de Maricá; Manoel Indácio da Silva Alvarenga, professor de retórica. Ver também Maria Rachel de G. Froes da Fonseca. (1996 p. 58-102.*

A estes censores, seguiram-se outros mais entranhados com a cultura científica: Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846), filósofo e publicista; e professores da Academia Real Militar, José Saturnino da Costa Pereira (1773-1852) e Manoel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838).

O primeiro desses, Silvestre Pinheiro Ferreira, um intelectual importante no período joanino, responsável por uma aproximação da cultura luso-brasileira com o pensamento filosófico moderno. Professor de filosofia e autor das *Preleções Filosóficas*,<sup>11</sup> fruto dos cursos que ministrou durante a presença da corte no Brasil. Cursou mineralogia e foi aluno de Werner em 1804 e 1805. Foi colaborador do *O Patriota*.

O segundo citado José Saturnino da Costa Pereira, engenheiro do Real Corpo no posto de Tenente. Bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra. Chegou a ser no Império Presidente da Província de Mato Grosso e, mais tarde, senador do Império (1828), pela mesma província, e Ministro da Guerra em 1837. No campo da cultura científica traduziu *Tratado Elementar de Mecânica* de Luiz Benjamin Francisco Francoeur (1773-1849) acrescentado das “doutrinas” extraídas das obras de Francisco Maria Riche de Prony (1707-1751), Abade Charles Bossut (1730-1814) e A. Marie Legendre para uso dos alunos da Academia Real (Rio de Janeiro, 1812 em quatro partes, Estática, Dinâmica, Hidrostática e Hidrodinâmica, de 224, 214, 102 e 175 p. respectivamente). Publicou também *Leitura para meninos*, contendo lições morais e diálogos sobre Geografia, Cronologia, História de Portugal e História natural (Rio de Janeiro, 1818 e, depois, mais três edições em 1821, 1822 e 1824). A partir da década de 1830, publicou *Dicionário Topográfico do Império do Brasil*, contendo descrição de todas as províncias em geral e, particularmente, de cada uma de suas cidades, vilas, freguesias, arraiais e aldeias, bem como a dos rios, serras, lagos, portos, baías, enseadas, etc. com muitas demarcações de longitude e latitude, tiradas das mais acreditadas observações e, finalmente, a notícia das nações indígenas domesticadas, assim como as selvagens, habitantes no território brasileiro (Rio de Janeiro, 1834, 258 p.)(Sacramento Blabe, 1970, v. 5, p. 196). Publicou também uma espécie de obra de divulgação científica: *Recreação Moral e Científica*, compilada de autores diversos (Rio de Janeiro, 1834-1839). Ainda com respeito a essa obra, nos seis primeiros volumes, são explicados os princípios gerais de ciências e o último tem uma alteração de título: *Recreação Moral e Científica* ou *Revista das obras mais Modernas sobre a História, Romances e as Ciências em Geral* compondo-se de 3 contos. Além disso publicou: *Elementos de Lógica* (Rio de Janeiro, 1834, 122 p.); *Compêndio de Geografia Elementar* (Rio de Janeiro, 1836); *História Geral dos Animais*: classificados segundo o sistema de Cuvier (Rio de Janeiro, 1837-1839); *Elementos de Cronologia* (Rio de Janeiro, 1840); *Elementos de Geodésia* contendo lições de Trigonometria Esférica e Astronomia extraídos da obra de Louis Puissant (1769-1843) (Rio de Janeiro, 1840, 182 p.); *Lições Elementares de Ótica* (Rio de Janeiro, 1841, 60 p.); *Aplicações da Álgebra à Geometria ou Geometria Analítica*, extraído de Sylvestre-François Lacroix (1765-1843) (Rio de Janeiro, 1842); *Elementos de Cálculo Diferencial e de Cálculo Integral* extraídos também de S. F. Lacroix (Rio de Janeiro, 1842); *Elementos de Mecânica* (Rio de Janeiro, 1842); *Elementos de Astronomia e Geodésia* (Rio de Janeiro, 1845): todas essas obras tinham como objetivo servir aos alunos da Academia Militar. José Saturnino também colaborou com *O Patriota* com o artigo *Indagações do sólido de Máximo Volume entre todos os de igual superfície* (no. 2 de 1813, p.3).

Manoel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838), também relacionado como censor, era natural da Bahia. Cursou a Universidade de Coimbra, formando-se em Matemática. Foi professor da Academia de Marinha em Portugal. No Brasil, foi nomeado capitão do corpo de Engenheiros e também lente da Academia de Marinha, mais tarde transferido, como acusa o decreto de 11/03/1811, para a Academia Real Militar. Atingiu o posto de Brigadeiro. Reformado em 1830, exerceu os cargos de deputado das juntas da Academia Militar e de diretor da Imprensa Régia. Foi deputado pela província da Bahia para a constituinte brasileira

---

<sup>11</sup> **Silvestre Pinheiro Ferreira**. *Preleções filosóficas sobre a teoria do Discurso e da Linguagem, a Estética, a Diceósina e a Cosmologia*. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1813 (366 pags). Há uma publicação recente: **Silvestre Pinheiro Ferreira**. *Preleções Filosóficas*. Introdução de Antonio Paim. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo / Editorial Grijalbo Ltda., 1970

e à assembléia provincial, na primeira legislatura. Foi autor de obras de caráter científico e fez várias traduções de livros científicos. Traduziu e ampliou o *Curso Elementar e Completo de Matemáticas Puras* de Lacaillle, ilustrado por Theveneau; *Explicação da Formação e Uso das Tábuas Logarítmicas* do Adrian-Marie Legendre (Lisboa, 1800); *Tratado Elementar de Análise Matemática* de J. A. J. Cousin (Lisboa, 1802); *Elementos de Geometria* de Adrian-Marie Legendre (1752-1833) (Rio de Janeiro, 1809, 372 p.); *Tratado de Trigonometria* também de A.M. Legendre (Rio de Janeiro, 1809, 123 p.); *Complemento dos Elementos de Álgebra* de S. F. Lacroix (Rio de Janeiro, 1813, 380 p.) livro, segundo o autor, traduzido para substituir o 2º tomo do *Elementos de Álgebra* de Leonhard Euler (1707-1783); *Tratado Elementar de Trigonometria Retilínea e Esférica e da Aplicação da Álgebra à Trigonometria* de S. F. Lacroix (Rio de Janeiro, 1821); e finalmente, em 1824, publicou *Elementos de Geometria*, uma tradução novamente feita de S. F. Lacroix. Escreveu, também *Varição dos Triângulos Esféricos* (Rio de Janeiro, 1812); *Elementos de Astronomia* (Rio de Janeiro, 1814, 278 p.); *Elementos de Geodésia* (Rio de Janeiro, 1815, 301 p.). Todos essas traduções, compilações e mesmo construções originais objetivavam ser compêndios das Academias Militares. Mais tarde ainda traduziu *Geometria e Mecânica: dos Ofícios e das Belas Artes* pelo Barão Carlos Dupin (Bahia, 1835), destinado [...] para uso dos artistas e obreiros, dos contramestres e mestres de oficinas e fábricas<sup>16</sup>, tendo sido traduzido para a aula anexa ao Arsenal de Marinha da Bahia, onde foi lente da cadeira de Geometria e Mecânica aplicada às Artes, após sua aposentadoria dos cargos de governo. Em Sacramento Blake consta ainda que proferiu discursos: na abertura da aula de Geometria e Mecânica aplicada às artes em 1835, e na abertura da Imperial Academia Militar, em 1825 (Sacramento Blake, 1970, v. 6, p. 73). Além de ser o fundador do O Patriota, ali colaborando com artigos, escreveu na *Gazeta do Rio de Janeiro* (de 1808 a 1822) tendo assumido a direção desse periódico pouco tempo depois de seu início.

Consta também que o Cônego Januário da Cunha Barboza (1780-1846), mais tarde, em 1837, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, também foi nomeado censor da imprensa Régia. Este prelado produziu e publicou no Império algumas memórias no Auxiliador da Indústria Nacional, que tratavam de assuntos relativos à Agricultura e congêneres: 1) Memória sobre a vantagem, necessidade e meio mais pronto de propagar a cultura e manipulação do chá (1834); 2) Discurso sobre algumas produções do Brasil que podem ser de grande utilidade, se forem promovidas e aperfeiçoadas (1835); 3) Memória sobre o cruzamento do gado vacum (1837); 4) Memória sobre o programa sorteado “Qual é o método que se deve empregar para se obter a melhor manteiga?” (1837); 5) Pomologia fisiológica (1838)(idem ibidem, v. 3, p. 294-300).

Pode causar surpresa que varões tão eminentes como os mencionados tenham exercido a função de censores, pois o trabalho com a ciência exige liberdade plena de pensamento, sendo incompatível para o seu desenvolvimento qualquer forma de constrangimento. Isto talvez explique a maneira limitada com que esses homens lidavam com a ciência, mesmo considerando, como lembra Wilson Martins, para justificar ou ter como normal tal atitude, estar na época sob regime absolutista (Wilson Martins, 1977, v. II, p. 31-32).

## A Gazeta: divulgadora de saberes

Contudo, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, desempenhou o papel de divulgador dos assuntos científicos na época: deu notícias das produções de obras, textos, cursos ocasionalmente publicou memórias técnicas com algum conteúdo científico.

No período joanino, a *Gazeta* noticiou na seção de Aviso cerca de 120 itens de venda de livros, compêndios, leis e textos relacionados à ciência, perfazendo em média 10 títulos por ano. Evidentemente, não era a forma exclusiva para que os especialistas dos diferentes ramos do saber tomassem contato com as últimas produções no campo. Dada a pequena comunidade de interessados no conhecimento científico,



provavelmente as relações de contato pessoal e a conseqüente troca de informações nesse evento, desempenhassem um papel preponderante na difusão da produção de saber científico, principalmente as trocas de informações ocorridas no âmbito das primeiras instituições aqui criadas. No entanto, é preciso considerar que essas notícias atingiam um público maior que o imediatamente interessado nos fatos de ordem científica, extravasando a cidade do Rio de Janeiro e atingindo outras regiões. Os comentários sobre os livros eram sucintos, muitas vezes atendo-se apenas ao título do livro, à livraria onde se podia obter a obra e o preço da mesma. Os avisos e anúncios eram gratuitos, mas mesmo assim não se noticiou tudo o que foi produzido. É o que pode-se verificar examinando Moraes e Camargo, 1993.<sup>12</sup> Contudo, as principais publicações brasileiras foram alvo de noticiário neste parco periódico e que muitos letrados certificaram-se através desse jornal, não só das obras sobre ciências aqui publicadas mas também de muitas do exterior.

Sem ponderar na exata medida a significação desse fato - compreendida a sobriedade tanto em termos de qualidade como de quantidade - para muitos, isto representou o ingresso do Brasil no campo do saber científico. Embora fosse restrita a contribuição da *Gazeta*, tomando como baliza a Europa, ela teve função expressiva para a sociedade científica brasileira, comparado com o que havia antes da chegada da Corte. O que representou para um negociante ou um serviçal letrado tal ocorrência, é matéria a ser pesquisada, porém é verdadeiro que, para ele, algo havia mudado, e sobre isto não podia haver dúvida. Mas a importância do saber científico, para a sociedade, não poderia advir somente do fato de se noticiar as obras de sua elite intelectual; haveria que se mostrar objetivamente seus efeitos benéficos, e isto foi também previsto através das memórias que davam conta dessa relação imediata. A *Gazeta* publicou várias delas

## Os livros propalados pela primeira imprensa brasileira

A maior parte dos livros e textos postos à venda e noticiados eram compêndios para os primeiros cursos aqui criados durante o governo de D. João. Aproximadamente 30% deles se enquadravam nesta categoria. Eram manuais a serem usados na Academia Real Militar e na de Guarda Marinha, nos cursos de Cirurgia e Medicina e nas preleções avulsas. Esses manuais eram, na quase totalidade, traduções de obras francesas, onde, não apenas fazia-se a tradução direta, como também compilavam-se os originais, faziam-se alterações e, em vários casos, adicionavam-se trechos de outras obras diferentes daquelas que serviram de base para a tradução. Este fato, no entanto, demonstra a necessidade de alguma competência científica para assim proceder. Por isso, pessoas que traduziam as obras não eram meros tradutores: eram professores que adaptavam as obras às necessidades do momento, sabendo realizar cortes e modificações para atingirem os objetivos propostos pelo governo (estampadas nas cartas régias e nos planos de ensino emitidos). A elaboração doméstica de compêndios era um passo em direção à constituição de uma comunidade de homens da ciência. Além disso, as obras escolhidas (como foi apontado anteriormente) eram, sobretudo, de autoria de cientistas proeminentes na França. Grande parcela dos compêndios, sob a designação de Elementos ou Tratado elementar, distribuíam-se entre os de Matemática, Física e Medicina - havia ainda os de Astronomia, Mineralogia, Desenho, Botânica, Química, Farmácia e arte militar. Os textos de Silvestre Ferreira, na área de Filosofia e utilizados nas preleções avulsas que oferecia no Rio de Janeiro, podem ser considerados como compêndios para suas aulas.

O restante das obras anunciadas dividiam-se em uma série de campos. Sobressaiam as de Medicina, cerca de 15%. Compreendiam estudos, memórias de práticas singulares de alguns "médicos" brasileiros, plano de estudos, discursos, decretos, traduções diretas. As memórias abrangiam assuntos relativos a doenças e suas curas, fisiologia, operações, curas através de medicamentos e higiene. As obras de completas de Bichat em Francês, com 10 volumes, eram anunciadas para a venda. Várias obras diziam

<sup>12</sup> Rubens Borba de Moraes e Ana Maria de Almeida e Camargo. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo, EDUSP/Livraria Kosmos, 1993.

respeito à Medicina e Farmácia. Foram incluídos os anúncios do Jornal *O Patriota*, por tratar-se de periódico de conotação científica. Completando o quadro havia obras nos domínios da Agricultura, História, Meteorologia, Geodésia, Botânica, História Natural, Filosofia, Química, Desenho e Engenharia com uma ou duas obras por assunto. Quase todas eram em Português, e algumas haviam sido elaboradas em Portugal. Em Francês, apenas uns 10%. Em Astronomia, anualmente anunciavam-se as Efemérides Náuticas ou Diário Astronômico para o ano seguinte ao da circulação dos Jornais. As obras em Francês de Biot, Lalende, Laplace, Fourcroy, Bichat, La Faye, Brocham, Brongniart, Delaistre, Guy de Vernon, M. Gilbert, M. Bousmard ou traduzidas diretamente delas, isto quando explicitado, perfaziam 35%, incluindo um dicionário de História Natural em Francês. Vindas de Portugal eram poucas, 7%. Sobre História da Ciência, (Matemática) anunciou-se o livro de Stockler editado em Portugal. Não foram e nem poderiam ser computados os livros a que se refere a aviso do n.º 67, de 21 de agosto de 1819, onde diz: No armazém Francês, na Rua do Ouvidor n.º 81, se acaba de receber um novo sortimento de livros de Farmácia, Química, Cirurgia e outras ciências. Cópias da Carta Régia, que estabelecia a Academia Real Militar, foi também anunciada à venda em 2 de março de 1811, a 480 réis.

Eram escassas as resenhas sobre os livros à venda. Quando muito, havia pequenos comentários sobre os livros. Após anunciar a publicação de dois opúsculos sobre agricultura: *Memória sobre a Canela do Rio de Janeiro* e uma Memória sobre remessas de árvores frutíferas o Jornal diz: "N.B. São recomendados estes dois opúsculos pelas utilidade, que ensinam a tirar da cultura das Plantas de que tratam."<sup>13</sup> Em 18/12/1814 no aviso que faz da publicação da Impugnação Analítica ao exame feito pelos Clínicos, Antonio Pedro de Souza e Manoel Quintão da Silva, em uma rapariga, que julgaram Santa, na Capela da Senhora da Piedade da Serra o redator comenta: Este discurso tem merecido a atenção dos mais hábeis professores de Medicina.<sup>14</sup>

Os preços dos livros variavam entre 60 réis, no caso do pequeno opúsculo de Francisco Inácio de Serqueira Nobre, em 1810, até 41\$000, em 1815 das obras completas de Bichat.<sup>15</sup> Os compêndios das ciências exatas giravam em torno de 1\$000 a 2\$000 réis, não se constatando grande disparidade, mesmo comparando o preço de títulos em 1809 e 1820. Os *Elementos de Geometria* de Legendre traduzido por Manoel Francisco de Araújo Guimarães custavam 1\$600 em 1809, o *Tratado Elementar de Análise Matemática* por Cousin, igualmente traduzido pelo mesmo lente custava em 1820, 960 réis, sendo que este mesmo livro anunciado em 1810 valia 640 réis, com um acréscimo portanto em 10 anos de 50%. Os *Elementos de Geodésia*, de Araújo Guimarães custavam em 1815 2\$400 réis. Evidente que esses preços guardavam relação com a dimensão do livro, número de páginas e estampas contidas. Mas não eram tão visíveis os disparates. Os compêndios de Medicina em alguns casos passavam da faixa dos 3\$000, mas não diferiam de forma exorbitante. Destoavam os preços dos livros importados, mas há que se observar que se tratavam muitas vezes de obras com vários volumes, ou então verdadeiras enciclopédias, muitos passavam de 10\$000 réis. Os textos de memórias em geral estavam abaixo de 1\$000 réis.

É de interesse para este trabalho conhecer o quanto representava o preço do livro para o comprador usuário. Ao comparar o custo unitário do livro anunciado na *Gazeta* com o salário de um professor (em média 400\$000) observa-se que o valor do livro não era baixo, só podendo adquiri-los em maior quantidade

<sup>13</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, n.º 58, 21 de agosto de 1810.

<sup>14</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, n.º 106, 18 de dezembro de 1814.

<sup>15</sup> Ver: René Taton: Um precursor eminente dessas novas ciências manifesta-se na aurora do século. Xavier Bichat (1771-1802). Nomeado em 1795 para a cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina de Paris, desenvolve prodigiosa atividade de professor e pesquisador. Em 1800, publica uma série de obras notáveis: *Recherches physiologiques sur la vie et la mort* (1800), *Traité des membranet* (1800) *Anatomie générale appliquée à la physiologie et à la médecine* (1801), que são suficientes para fixar sua lembrança. Está fora de dúvida que, se tivesse vivido muito tempo, teria representado grande papel no desenvolvimento ulterior da Biologia. Bichat ultrapassa a concepção do órgão para por em evidência os elementos que o constituem. Para tanto, experimentou no animal vivo, empregando técnicas especiais (dissecação, putrefação, maceração, cocção etc.) Com ele tem início a Histologia. (Taton, 1960 t. III, v. 2, n. 9, p. 135, 1960)

os mais afortunados, ou aqueles professores que recebessem outros estipêndios, além dos salários mencionados nos decretos. É evidente que isto não era salutar para uma difusão da ciência. Em officio, já citado de janeiro de 1813, os professores da Academia Militar pleiteavam à Junta tornar gratuitos os livros para os professores, pois os preços excediam às suas possibilidades.

## Matérias de cunho Técnico e Científico na Gazeta

Embora, por volta de 1811, se tenha pensado em mudar sua característica, procurando publicar memórias de cunho técnico e científico, isto não foi feito. Mas mesmo assim pode-se encontrar algumas matérias desta espécie. São exemplos desta natureza os extratos do *Repertório das Artes, Manufaturas e Agricultura*, etc, de origem Inglesa. Esta revista forneceu vários artigos que foram publicados também no *O Patriota* e no *Correio Brasiliense*. Em 21/03/1812, encontra-se uma matéria versando sobre especificações do Privilégio concedido a Edmund Griffith, da cidade de Bristol, por certo melhoramento na fabricação de sabão, para fim de se usar dele n'água salgada, água salobra, ou outra qualquer - extraído de um artigo publicado no *Repertório* em 8/10/1810. O artigo fala em adicionar ácido fosfórico (encontrado na urina) para conseguir o melhoramento, pretendido. Alerta que para se evitar o cheiro, o ácido fosfórico poderia ser obtido pelo método químico e orienta sobre as proporções exatas para a mistura.<sup>16</sup> Quando a matéria era mais extensa, tinha-se como norma continuá-lo em outros números. Este é o caso da matéria discorrendo sobre o Anil: em 8/04/1812 começa a matéria, discorrendo sobre a classificação da planta, a melhor época e a qualidade da terra para plantá-la, a poda, a fermentação e a composição. A continuação do texto se deu nos nº 31 e 32, dos dias 15/04/1812 e 18/04/1812 respectivamente. No nº 75 de 18/10/1816, vê-se *Notas sobre o Zinco* - Da aplicação deste metal para forrar navios, fabricado exclusivamente por MM Dony e C<sup>a</sup> de Liège na Bélgica.<sup>17</sup> Ainda no mesmo ano saem publicados: a) Observações sobre a matéria colorante do café, e sobre o princípio amargo, que se tem suposto existir nele, por M. Brugnatelli que nada mais era do que um extrato dos anais de Química, também transladado do *Repertório de Artes e Manufaturas e Agricultura* de agosto de 1816; b) uma matéria sobre Artes Industriais, especificamente sobre litografia; c) notícias sobre os trabalhos Mineralógicos de W. L. von Eschwege (1777-1855), a respeito das águas minerais por ele descobertas (na verdade era a publicação de carta dirigida por ele ao Conde de Barca - Antonio de Araujo Azevedo).<sup>18</sup> Não foi esta a única notícia que saiu publicada sobre W. L. von Eschwege; em 1818, saiu outra nota sobre suas atividades.<sup>19</sup> Em 1817, publica-se uma carta de Mr. Hatchett dirigida a R. H. Sir José Banks que foi lida na Sociedade Real em 5/12/16, versando sobre o mofo em grãos importados e a forma de remoção dessa infecção tendo como exemplo o trigo.<sup>20</sup> Em duas oportunidades, pelo menos, noticiou-se sobre os trabalhos de Alexander von Humboldt (1769-1859), um sob o título de Ciências e Artes, em 1817<sup>21</sup> e, outro, sobre os números egípcios.<sup>22</sup> Em 1819, saiu uma notícia sobre mina de cobre de interesse para a Mineralogia.<sup>23</sup> Ainda em 1819, registra-se um artigo muito interessante relativo ao uso do azeite em cura dos empestados.<sup>24</sup> Finalmente em 1820, saiu uma notícia sobre "guarda-queda" (para-quadras), discorrendo rapidamente sobre um balão.<sup>25</sup>

<sup>16</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, nº 58, 21 de agosto de 1810.

<sup>17</sup> *Idem*, nº75, 18 de outubro de 1816.

<sup>18</sup> *Idem*, nº 88 de 2 de novembro de 1816; nº 92 de 16 de novembro de 1816; e nº 102 de 21 de dezembro de 1816 respectivamente.

<sup>19</sup> *Idem*, nº 5, de 1 de julho de 1818.

<sup>20</sup> *Idem*, nº 26, de 29 de março de 1817

<sup>21</sup> *Idem*, nº 77, de 24 de setembro de 1817.

<sup>22</sup> *Idem*, nº3, de 8 de janeiro de 1820.

<sup>23</sup> *Idem*, nº 56, de 14 de julho de 1819.

<sup>24</sup> *Idem*, nº 60, de 28 de julho de 1819.

<sup>25</sup> *Idem*, nº 25, de 25 de março de 1820.

Como se pode perceber facilmente, as notícias cingiam-se ao caráter prático do conhecimento científico. O sabão, o café, o anil, o zinco, o mofo nos grãos faziam parte das preocupações quotidianas, e essas matérias certamente elucidavam ou contribuíam para dar solução a alguns problemas práticos com relação a esses casos. Mas era muito escasso se considerar os doze anos de publicação.

Restam ainda as notícias (em pequeno número) sobre os cursos e instituições de ensino criadas no Brasil joanino, assim como sobre acontecimentos na órbita da ciência em outros países, trazendo alguns esclarecimentos a respeito da visão de ciência pelos redatores. Admite-se aqui que sendo a *Gazeta* um periódico com poucas páginas, o privilégio concedido à publicação de matérias científicas representa, de alguma forma, interesse em veicular determinadas idéias sobre a mesma.

Em março de 1810, no mesmo ano de criação, através de carta Régia, da Academia Militar, saiu uma nota discorrendo sobre o ensino militar, apegando-se à idéia de que a guerra era uma ciência e se o inimigo a aprende como tal [nós...] devemos aprendê-la igualmente. Discorria sobre a Escola de S. Cyr, destinada a formar Oficiais de Infantaria e relacionava as matérias desse curso. Criticava o estado Francês por dar importância apenas as ciências militares.<sup>26</sup>

O conhecimento público das aulas da Academia dos Guarda Marinha e da Academia Real Militar foi dado pela *Gazeta*. Este singelo fato mostra um alargamento da informação atingindo certamente pessoas que de outra forma, por desconhecerem os fatos, não teriam acesso a esta oportunidade. Havia uma Academia e as condições para o ingresso, prazo e requisitos, foram registradas no aviso. O aviso sobre a Academia dos Guarda Marinha assim reportava. “No primeiro de março próximo se abrirão as aulas da Academia Real dos Guardas Marinhas onde poderão concorrer todos os que quiserem apreender o que nelas se ensina, advertindo que a matrícula findará no dia 8 do mesmo mês”.<sup>27</sup>

Quanto à Academia Real Militar, o aviso tinha a seguinte redação: no dia 23 do corrente mês [abril de 1811, n.a] hão de principiar as aulas no 1º ano de curso da Real Academia Militar. Todos os que quiserem frequentar as ditas aulas deverão entregar seus requerimentos ao secretário da mesma Academia.

(...) Os requerimentos devem ser acompanhados da certidão de idade, e da licença ou dispensa do serviço no caso de serem Militares os que se destinarem a seguir os estudos.<sup>28</sup>

A publicação de um recado do Presidente dos Estados Unidos ao congresso americano, feito em 5/12/1810, e reproduzido na *Gazeta* em 6/03/1811, exatamente no mês anterior ao início das aulas da academia, tendo por objeto a Academia Militar dos EUA, bem poderia servir como preparação dos espíritos para a importância da Academia Militar criada por D. João. Não é desprovida de sentido a idéia de que a criação da Academia Militar tinha como base preocupações essencialmente militares. De outra forma parece fora de propósito a singularidade da notícia sobre o recado do Presidente dos EUA ao Congresso Americano: “o corpo de Engenheiros com a Academia Militar tem títulos quanto antes à atenção do Congresso,

(...) recomenda-se a revisão da lei, principalmente a fim de que haja uma mais extensa cultivação, e difusão das vantagens de tais instituições, providenciando professores para todos os ramos da instrução militar, e o estabelecimento de mais outra Academia na residência do governo, ou n’outra parte. Os meios com que se deve fazer presentemente a guerra, tanto para a defesa como ofensa, fazem esta escolas das mais científicas operações uma parte indispensável de todo sistema adequado. Mesmo entre Nações cujos grandes exércitos em campo oferecem todas as ocasiões de instrução, estes estabelecimentos se tem reconhecido indispensáveis para se alcançarem devidamente os ramos da ciência militar, que requerem um curso regular de estudos e experiências”.<sup>29</sup>

Nos anos subseqüentes, a *Gazeta* voltou a noticiar sobre o início das aulas na Academia Real Militar. Pelo anúncio abaixo, vê-se que ela estava em pleno funcionamento, apesar de abrir em 1811, oferecia vagas para todos os anos, bem como, para os cursos anexos. Interessante também é a idéia expressa de

<sup>26</sup> Idem, n° 25, de 28 de março de 1810.

<sup>27</sup> Idem, n° 23, extraordinária, de 24 de fevereiro de 1809.

<sup>28</sup> Idem, n° 28, de 6 de abril de 1811.

<sup>29</sup> Idem, n° 19, de 6 de março de 1811.

que as pessoas que se propusessem a frequentá-la, o fariam de modo livre: ao gosto do freguês. Faz constar ao público que “em o dia primeiro de maio do presente ano, se abrem as aulas da Real Academia Militar a saber: as do 1º, 2º, 3º e 4º anos matemáticos, as do 1º, 2º e 3º militares: as de Física, de Mineralogia, e Química: as de Desenho, de Língua Inglesa, e de Esgrima. As pessoas que se propuserem frequentá-las, hajam de comparecer na secretaria da mesma Real Academia com os documentos e despachos para serem matriculados”.<sup>30</sup>

Tornou-se usual a *Gazeta* publicar notas referentes ao início do ano letivo da Academia Real Militar. Em geral com poucos comentários; porém em 1818, a escola forneceu muitos detalhes sobre a vida da Academia: seus professores, seus discípulos, os prêmios conferidos, as cadeiras oferecidas e os anos em funcionamento.

Desta sorte começou a referida Aula o seu oitavo ano letivo (ver anexo 1), continuando a franquear a todos os portugueses, e particularmente aos militares, uma série de conhecimentos, que os habilitam, a um completo desempenho de suas obrigações, e tendo a satisfação de ver empregados muito dos seus alunos não só nesta corte, e em diferentes lugares, mas até na mesma Academia, que já conta por Lente dois de seus discípulos.<sup>31</sup>

Quanto ao número de alunos, registravam-se pouquíssimos - com exceção do primeiro ano com 23 discípulos - do segundo ao sétimo a frequência não era superior a 8 alunos. Isso teve relação direta com os acontecimentos ocorridos em Pernambuco, em 1817. A revolução de Pernambuco tirou muitos alunos da escola que trancaram suas matrículas. No ano de 1817, matricularam-se, no sétimo ano, seis discípulos, que não fizeram exame porque a revolução de Pernambuco os chamou a serviço, assim como aos dos outros anos.<sup>32</sup> “Na prática, isto demonstra o pouco caso dado ao ensino, embora em muitas oportunidades o governo procurasse prestigiar o ensino militar.

O mesmo número da *Gazeta* forneceu um quadro da Academia de Guardas Marinha no ano de 1818. Informava que esta Academia abriu suas aulas em 9 de março do corrente ano, indicando, de forma semelhante a da Academia Militar a composição da escola em termos de professores e de discípulos.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> *Idem*, nº 15, de 21 de fevereiro de 1816.

<sup>31</sup> *Idem*, nº 20, de 11 de março de 1818.

<sup>32</sup> Deputado Manoel de Araujo Guimaraes, discurso na Assembléa Constituinte, sessão de 4 de novembro de 1823. A *Gazeta* em continuação as informações descritas acima, fornece os nomes dos alunos que se encontravam matriculados no ano de 1818: I ANO: os capitães José Maria Torquato Franco (Moçambique), João Antonio Pereira, José Thomaz de Oliveira Barbosa, Balduino Caetano da Silva Bahia; o tenente Guilherme José Lisboa; os alferes Ernesto Frederico de Verna e Magalhães, Joaquim Carlos da Costa e Oliveira, Antonio Maria Pereira da Cunha, Fernando Maria Cabral Correia Rangel de Bulhões (Pará); os cadetes Cipriano José de Almeida (Minas Gerais), Anacleto dos Reis Coutinho (Santa Catarina), Antonio Joaquim Caetano da Silva (Bahia), Elias Theodósio Lopes, Luiz Alves de Lima e Silva; o porta bandeira José da Silva dos Anjos; sargento de Cavalaria Alberto Porfírio de Aguiar; o cabo Manoel Pereira de Castro (Portugal); os paisanos Florêncio Vieira da Costa Delgado Perdigão, Aureliano de Souza Oliveira, Manoel Antonio da Fonseca Costa, José Policarpo de Andrade e Silva, Manoel Dias da Motta. II ANO: tenentes Joaquim Ignácio da Silva e Abreu, José da Silveira Sampaio, João Antonio Lobão, Henrique Luiz de Bellagarde, Elias Rodrigues da Silva, João Miguel Coelho Borges (Lisboa), João Reinaldo Bilstein de Verna (Lisboa), Antonio Manoel da Silva Brandão (Angola), paisano João Vicente Gomes. III ANO: capitão José Costa e Azevedo (Real Corpo de Engenheiros), Eusébio Gomes Barreiro (Bahia), ajudante do Regimento Antonio Joaquim Bracete; segundo Tenente André Andrade Braga, Patrício Antonio de Sepulveda, Innocência Eustáquio Ferreira de Araujo. IV ANO: sargento-mor José Pedro Nolasco Pereira da Cunha (Porto Alegre); capitão João Batista Leitão; Tenente Luis Manoel de Abreu Seabra (Real Corpo de Engenheiros. V ANO: capitão Eusébio Gomes Barreiro (Bahia); alferes Zeferino Pimentel Moreira. VII ANO: capitães José dos Santos e Oliveira, Diogo de Teixeira Vasconcelos Cabral, Bento Fernandes de Mello. *Gazeta*, nº 20, 11 de março de 1818.

<sup>33</sup> *Gazeta*, nº 20, de 11 de março de 1818.

No ano de 1819, publicou a relação dos discípulos matriculados na Academia Real de Guardas Marinhas, até o dia 9 de novembro. Cerca de 40 alunos foram arrolados, e proporcionalmente um número bem maior de “paisanos” freqüentavam essa Academia.<sup>34</sup>

Ao curso de Silvestre Pinheiro Ferreira, denominado Preleções Filosóficas, deu-se extensa cobertura, pois registrava o roteiro e o conteúdo das aulas. Todas as aulas subseqüentes receberam idênticos tratamentos, de maneira que se pode recompor o roteiro global de suas preleções através da *Gazeta*. Com relação a sua primeira aula

“no dia 26 do corrente começaram na sala do Real Colégio de São Joaquim um Curso de Preleções Filosóficas que terão por objeto: 1º Teorias do Discurso, e da Linguagem: em que se exporão os princípios da Lógica, da Gramática Geral e da Retórica. 2º Tratado das Paixões: primeiramente considerado, como simples sensações, e versando sobre matérias de gosto; donde se deduzirão as regras da Estética ou da Teoria da Eloquência, as Poética e das Belas Artes; depois considerando-se como atos morais, compreendidas nas idéias de virtude, ou de vícios, se desenvolveram as máximas da Diceosyma, que abrangerá a Ética e o Direito Natural. 3º o sistema de Mundo que depois de tratar da propriedades gerais dos entes, ou da Ontologia: e da nomenclatura das Ciências Físicas e Matemáticas, se expandirão, as noções elementares de cosmologia; e destas se deduzirão as relações dos Entes criados com o criador, ou com os princípios da Teologia Natural. Aulas as 2ª, 4ª, 6ª feiras as 5 horas, meia dobra por mês de subscrição”.<sup>35</sup>

Pode-se notar também anúncios de cursos de professores particulares. Em sua maior parte, tratavam de ensino de línguas, gramática portuguesa, aritmética, (cursos elementares). Em 25 de fevereiro de 1810, publicou-se o seguinte aviso “Acha-se nesta corte um sujeito aprovado em Matemáticas, que se oferece para explicar qualquer das partes desta ciência, e suas aplicações mais úteis a Geografia Marinha, e Arquitetura. Quem se quiser utilizar pode deixar seu nome e morada na loja da *Gazeta*”.<sup>36</sup>

Uma notícia que provavelmente despertou muita curiosidade, guardava relação com a eletricidade, pois como se sabe em 1818, ainda não se tinha segurança sobre o conjunto de seus efeitos. A nota referia-se às atividades de Daniel Gardner, (professor de Química da Academia Real Militar, que fizera saber ao público, em outras ocasiões, através da *Gazeta* que ensinava Química e Filosofia Natural):<sup>37</sup> “O Doutor Gardner faz saber ao público que ele continua a eletrizar os doentes na forma do costume, às quartas e sábados das 9 horas da manhã à 1 da tarde, nas casas da sua residência no Seminário de São Joaquim, onde atualmente tem seu laboratório, e dá as suas lições”.<sup>38</sup>

Interessante também a publicação de um anúncio em 15 de janeiro de 1817, produzido pela Academia de Petersburg, que estabelecia um prêmio a quem apresentasse uma memória de uma base metálica que Berzélius pôs em outros alcalis.<sup>39</sup>

<sup>34</sup> A lista dos alunos que se encontravam matriculados em 1819 na Academia Real de Guardas Marinhas era a seguinte: I ANO: Guardas Marinhas José Correia Picanço, Jorge Thompson, Augusto da Costa Barreto, Joaquim Leal Ferreira; aspirante João Pedro dos Santos Lopes, Firmino Antonio Quirino Chaves, João Batista de Souza; sargentos Joaquim Leão da Silva Machado, Agnello Petra Bittencourt; furriéis Luiz Joaquim da Silva, Francisco da Silva Lobão; voluntário Martinho Maria Bilton; paisanos Joaquim Rodrigues da Silva, Manoel da Cunha Lamas, Antonio Felíz Correia de Mello, Francisco Vieira Leitão, José Ferreira Guimarães, Antonio José da Cunha, Felíz Correia de Sá, Manoel Francisco da Costa Pereira, Rodrigo José Ferreira, Luis Caetano d'Almeida, Aleixo Gomes Salgado. II ANO: 2º tenente Pedro Correia de Sá; Guardas Marinha Jacinto Alves Branco Moniz Barreto, João Alexandre Monteiro, Francisco Maria de Castro; sargento Joaquim Lúcio de Araujo; paisanos Antonio Correia de Vasconcelos, João Evangelista Ferreira de Araujo, Pedro Ferreira de Oliveira, José Maria Marques, Antonio Firmino Coelho. III ANO: Guardas Marinhas José de Paiva e Silva, Diogo Kenthing, João Paulino Vieira, Rafael José de Carvalho; sargento Francisco Cândido Velovy Sayão; paisanos José Mamede Ferreira, José Ricardo Abílio. *Gazeta*, op. cit., nº 91, de 13 de março de 1819.

<sup>35</sup> *Gazeta*, op. cit., idem, nº 30, de 14 de abril de 1813.

<sup>36</sup> Idem, nº 48, de 25 de fevereiro de 1810.

<sup>37</sup> Os anúncios dos cursos foram publicados em 27 de junho de 1810 e 27 de julho de 1811.

<sup>38</sup> *Gazeta*, op. cit., nº 56, de 15 de julho de 1818.

<sup>39</sup> Idem, nº 5, de 15 de janeiro de 1817.

É provável que pensando já haver no Brasil um mercado suficiente para se atender ao anúncio que segue abaixo, ou então, adicionalmente, por terem conhecimento de que havia assinantes dos Anais das Ciências, das Artes e das Letras, os redatores houveram por bem publicá-lo em 31 de março de 1819:

Os redatores dos Anais das Ciências, das Artes e das Letras, participam aos seus assinantes, correspondentes e mais pessoas residentes nos domínios portugueses, ou em países estrangeiros, que eles se encarregaram de comprar, expedir, a quem o desejar, quaisquer livros, estampas, mapas geográficos, máquinas, modelos, instrumentos de Física e de Química, aparelhos destilatórios, sementes, e raízes de plantas, produtos químicos, e em geral, todos os objetos relativos a Ciência e as Artes, pelos preços de catálogos, e das fábricas, tudo da melhor qualidade, e sem defeito. Igualmente se encarregarão de dirigir a impressão de qualquer obra escrita em português, Francês ou Inglês, e de fazer abrir chapas em cobre, pedra, pau, ou de fazer litografias, debuxos. N.B. o importante das compras e gastos ser-lhe-ia pago em Paris. As cartas e remessas deverão ser dirigidas (porte pago) ao Diretor dos Annaes do modo indicado: A Monsieur J. D. Mascarenhas, Diretor dos Annaes das Sciencias e das Artes e das Letras, Rue des Grands Augustins, nº 5, Paris.<sup>40</sup>

Em 3 de julho de 1813, publica uma notícia sobre *O Patriota* um jornal que se propunha a tratar de assuntos literários e científicos, cuja existência dependeu de subscrições sem o amparo do Estado. A notícia procurava reparar erros havidos na lista de subscrição do referido periódico, introduzindo mais 8 nomes de subscritores. O mesmo se repete a 28 de julho de 1813 e torna a incluir mais um nome. Em 19 de fevereiro de 1814, a *Gazeta* publica uma notícia, espécie de aviso, revelando a dimensão dos problemas existentes no *O Patriota* e as mudanças propostas pelo seu redator:

“[...] desejando empregar em benefício Público as poucas forças, que atualmente tem, propõe a 3ª subscrição do seu Jornal debaixo do mesmo plano, dando maior extensão a cada volume, a fim de inserir as Obras, com que o tem favorecido alguns literatos do país. Esta subscrição constará de 6 volumes, dos quais sairá um de dois em dois meses, regularmente, exceto nos dois primeiros correspondentes a fevereiro e a abril, que poderão ter mais alguma demora em consequência da moléstia do Redator. Crescendo o número de páginas de metade mais e a falta de papel grande obrigando a tirar em quatro (sem contudo mudar de formato) será o preço da subscrição 6\$000, a qual se fará na loja de Paula Martim.”<sup>41</sup>

Em 3 de abril de 1816, foi veiculada uma notícia a respeito da associação dos negociantes da praça que se reuniram para fazer uma subscrição voluntária visando formar um capital, cujo rendimento anual seria empregado para o bem da educação. Em vista disto o governo, expediu um aviso aceitando e agradecendo a oferta. Prometeu erigir novos estabelecimentos. Neste aviso, sugeria-se a união das cadeiras de Ciências, que existiam então na cidade do Rio de Janeiro, adicionada a outras que seriam criadas, obtendo-se como resultado um Instituto Acadêmico, [...] que compreenderá não só o ensino das ciências mas ao mesmo tempo o da Belas Artes, e o da sua aplicação à indústria; o que contribui de fato para a civilização e prosperidade das nações.<sup>42</sup>

Os nomes dos negociantes comendadores envolvidos com a proposta foram arrolados na *Gazeta do Rio*: Fernando Carneiro Leão, João Rodrigues Pereira de Almeida, Amaro Velho da Silva, Joaquim José de Sequeira, Geraldo Carneiro Belens, José Marcelino Gonçalves, José Luiz da Motta e Matheus Pereira de Almeida.

O ano de 1816 foi para a Academia Real Militar um ano tumultuado em termos de disciplina interna. É possível que aqui também tivesse endereço certo a notícia sobre acontecimentos na Escola Politécnica de Paris, mostrando as medidas tomadas pelo governo Francês com relação a problemas disciplinares.

<sup>40</sup> Idem, nº 26, de 31 de março de 1819.

<sup>41</sup> Idem, nº 15, de 19 de fevereiro de 1814.

<sup>42</sup> Idem, nº 27, de 3 de abril de 1816.

Certamente não objetivava a matéria criticar o governo Francês, pois já se vivia o resultado do Congresso de Viena. A França já não era um inimigo declarado.(...) De Paris:

“muito tempo reconhecemos a utilidade da Escola Politécnica, para promover as ciências e as artes, e aperfeiçoar o serviço público. Ordenamos aos nossos Ministros, Secretários de Estado do Interior e da Guerra, que nos apresentem uma nova organização deste estabelecimento a fim de estender suas vantagens, dar-lhes um novo lustre, e levá-lo a perfeição, de que é suscetível. Mas a desobediência recente geral dos alunos daquela escola às ordens dos seus chefes, ao mesmo tempo que se faz necessária uma pronta repressão, e um exemplo para o futuro, nos provou que aqueles alunos, se fossem introduzidos no serviço público, introduzirão nele o espírito de insubordinação, que os anima. por estas razões temos ordenado o seguinte: Artigo 1º - Os alunos da Escola Real Politécnica estão despedidos. Devem voltar imediatamente a suas famílias.”<sup>43</sup>

Seguiam-se os outros artigos versando sobre esse assunto, onde se declinava reserva de privilégio para retornar ao curso, aos alunos que não tomaram parte nos últimos acontecimentos de insubordinação e resolvia o caso dos professores e funcionários.

Após o fim das hostilidades com a França parecia natural reportar sobre as ocorrências daquele país. Assim, pela primeira vez uma série de notícias no campo científico tomou conta do jornal. É de particular interesse a notícia sobre o Instituto Real de França, relatando minuciosamente as novas modificações que lá ocorreram. A matéria fala de sua nova composição e inventaria os membros de cada Academia que compõe o Instituto. Dá conta que o novo Instituto, com as recentes mudanças comporta quatro Academias a saber: Academia Francesa; Academia Real das Inscrições e Belas Letras; Academia Real da Belas Artes; e Academia Real das Ciências. Passa em seguida a mostrar a composição e divisão da Academia de Ciências. Ela era composta de 11 seções, a saber: 1ª Seção de Geometria: Conde de Laplace, Cavalheiro Legendre, Lacroix, Biot, Poinsot, Ampère; 2ª Seção Mecânica: Perier de Prony, Barão Sané, Molard, Cauchy, Brequet; 3ª Seção de Astronomia: Messier, Cassini, Lefrançais, Lalande, Bouvard, Arago, Burckhardt; 4ª Seção Geografia e Navegação: Buache, Beau-Temp-Beaupré, Rossel; 5ª Seção Física Geral: Rochon, Charles, Lefbreve, Gineau, Gay Lussac, Poisson, Gerard; 6ª Seção Química: Conde Berthollet, Vanquelin, Reyeux, Conde Chaptal, Thenard, Proust; 7ª Seção Mineralogia: Sage, Haüy, Duhamel, Lelieu, Barão Ramond, Brongniard; 8ª Seção Botânica: De Jussieu, de Lamark, Des Fontaines, Labillardie, Palissot-Beauvois, Mirbel; 9ª Seção Economia Rural: Tessier, Thouin, Huzard, Silvestre, Bose, Yvart; 10ª Seção Anatomia e Zoologia: Conde Lacépède, Richard, Pinel, Cavalheiro Geoffroy Saint-Hillaire, Latreille, Dumeril; 11ª Seção Medicina e Cirurgia, Cavalheiro Portal, Cavalheiro Halle, Cavalheiro Pelletan, Barão Percy, Barão Corvisant, Dechamps; [sendo] o Cavaleiro Delambre, secretário perpétuo para as Ciências Matemáticas [e] o Cavaleiro Cuvier Secretário perpétuo para as ciências Físicas.<sup>44</sup> Tem-se, portanto, no Brasil o conhecimento sobre a força da comunidade científica francesa.

Uma notícia pitoresca com relação a um viajante francês é alvo também do noticiário no periódico. Trata-se de Seetzen que, ao se encontrar no Yemem foi detido por um chefe (imã) de tribo, que pensava encontrar com o viajante somas consideráveis de dinheiro, foi surpreendido e, ao mesmo tempo, ficou admirado ao descobrir que Seetzen só possuía instrumentos de Astronomia, algumas ervas e 600 pesos.<sup>45</sup>

## O artigo de Cuvier

Surpreendente e muito interessante para a época foi a matéria que saiu publicada no nº 74, de 14/09/1816. Abordava um assunto nada habitual e nem próprio para um jornal do tipo da *Gazeta*. Tais considerações prendem-se a dois fatos: primeiro, a matéria era muito extensa, ocupando mais da metade

<sup>43</sup> Idem, nº 58, de 20 de julho de 1816.

<sup>44</sup> Idem, nº 60, de 27 de julho de 1816.

<sup>45</sup> Idem, nº 69, de 28 de agosto de 1816.



do nº 74 e cerca da 1/2 dos dois outros números subsequentes (75 e 76); em segundo lugar, o caráter insólito da publicação, foi a primeira vez no Brasil, que se expôs algo, em jornal ou periódico, ou mesmo nos livros e artigos postos à venda nas livrarias, como o visto nesses números do *Gazeta*. Tratava-se em substância de como a ciência era vista na França pelos eminentes cientistas, cujo porta voz era Georges Leopold Cuvier (1769-1832). Cuvier era secretário perpétuo da Academia de Ciências Físicas, e seu discurso, lido na seção pública de instalação, a 24 de abril de 1816, tinha o título: “*Reflexões sobre a marcha atual das ciências, e sobre todas as suas relações com a Sociedade*” por M. Cavaleiro Cuvier. E todo ele foi objeto da publicação na *Gazeta*. (*O Investigador Português* publicou em seus números algo semelhante, em época próxima, no entanto o propósito desse Jornal português publicado na Inglaterra era diferente do da *Gazeta*). Era uma obra de sociologia da ciência, com vocações, e prováveis intenções, de alertar os governantes sobre alguns pontos significativos do papel e as características básicas da ciência da época na Europa, expressando os pontos de vista dos cientistas, certamente afim de subsidiar e influir na política científica do governo francês. O longo escrito, inteiramente traduzido para o português, faz uma apologia do valor da ciência para a humanidade, ao sabor do iluminismo, inserindo-se no espírito capitalista, ao refletir na apreensão da ciência pela burguesia, em benefício próprio. De acordo com o artigo a ciência era um bem, que sem a qual nação alguma poderia prosperar. Sobre o acervo científico descreveu:

“Esta preciosa herança sempre crescida, levada da Caldeia ao Egito, do Egito à Grécia, escondida em séculos de desgraça, e de trevas restaurada em épocas mais felizes, desigualmente espalhada entre os povos da Europa, tem sido seguida por toda a parte da riqueza e do poder; as nações que a tem recolhido, vieram a ser senhoras do mundo, as que a desprezaram caíram na fraqueza e na obscuridade. [...] Elevando-se desta sorte acima de tudo, a Ciência apanhou tudo com suas vistas, todas as artes lhe foram sujeitas; a indústria a reconheceu por sua mestra; ela serviu e protegeu o homem em todos os seus estados, e se enlaçou da maneira mais íntima e mais sensível com todas as relações da sociedade.”<sup>46</sup>

Por este parágrafo, vê-se que a ligação da ciência com a produção era plenamente reconhecida pelos cientistas da época, sua utilidade prática era apregoada assim como, os ganhos monetários eram enfatizados, até porque era uma forma de pleitear recursos maiores para a continuidade das atividades científicas. Portanto, o caráter recíproco entre comunidade científica e subsídio do Estado capitalista estava firmado.

“Um botânico, de que apenas se sabe o nome, trouxe o tabaco do Novo Mundo à Europa, pelo tempo da liga. Hoje esta planta dá a França só a matéria de um imposto de cinquenta milhões, os outros países da Europa tiram recursos proporcionados; até no fundo da Turquia e da Pérsia, ela veio a ser um grande artigo de comércio e de agricultura. [...] Outro botânico, na época da Regência, fez passar à Martinica um pé de café, desse arbusto da Arábia, que começou a ser conhecido na Europa nos primeiros anos de Luis XIV. Este pé único deu todos os das nossa ilhas, enriqueceu os Colonos. O uso daquele grão se tornou vulgar, e certamente ele foi mais eficaz que toda a eloquência dos moralistas, para destruir o abuso do vinho nas classes superiores da sociedade. Quem poderia afiançar que hoje mesmo nossos jardins de botânica não escondam alguma erva desprezada produzir, em nossos costumes, e em nossa economia política revoluções iguais?”<sup>47</sup>

Desde esse momento, é percebida claramente a divisão entre ciência “pura” e ciência “aplicada”, definido o papel que caberia a cada executor dessas partes, indicando uma independência entre eles. A produção de conhecimentos nesse estágio da humanidade só poderia ser obtido por mentes treinadas e privilegiadas,

<sup>46</sup> *Gazeta*, op. cit., nº 74, de 14 de setembro de 1816.

<sup>47</sup> *Idem*, 14 de setembro de 1816.

“(…) se em seu princípio a Ciência deveu alguma coisa ao acaso, e que homem vulgares lhes tem feito fazer progressos úteis, agora só pelas meditações das almas superiores ela pode derramar novos benefícios, todas as grandes descobertas práticas dos nossos últimos tempos tem precisamente o caráter de tirarem sua origem, da generalidade e do rigor dados as indagações científicas, e essa profundidade essas dificuldades, que espíritos orgulhosos desdenhavam como inúteis, são justamente o que tem produzido a utilidade mais assombrosa.”<sup>48</sup>

O discurso de Cuvier a seguir procura mostrar em cada campo do saber o vínculo do saber científico de descobertas recentes com as questões econômicas e sociais. As considerações com esse tom são perfiladas para a Astronomia, Geometria, Física, Química, Biologia, etc. (...).<sup>49</sup> Novamente é veiculada a diferenciação entre as aplicações práticas da ciência e o trabalho do pesquisador, algo que ainda não se podia encontrar nas falas da intelectualidade que aqui exerciam atividades científicas. De qualquer forma, um artigo como este, que refletia bem as relações européias entre ciência e estado, ciência e produção, era divulgado extensamente através da *Gazeta*, trazendo modos novos de pensar sobre o fenômeno científico - embora destoante do meio brasileiro - pois apontava para formas mais evoluídas de tratamento da ciência acopladas ao contexto europeu. Assim lançava suas conclusões parciais:

“Pois bem. Esses tesouros, esses gozos nenhuma das Invenções, que no-las, procuram, teriam nascidos sem a ciência, elas não são mais do que aplicações fáceis de verdades de uma ordem superior de ver dados, que não foram procuradas com essa intenção, que seus autores não estudaram senão por si mesmas, e levados unicamente pelo desejo de saber. Os que as põe em prática, não teriam descobertos os germens, pelo contrário, aqueles, que acharam esses germens, não poderiam entregar-se aos cuidados necessários para deles tirar partido. Embebidos na alta região, a que suas contemplações os transportam, apenas percebem esse movimento, essas criações nascidas de algumas de suas palavras(...)no dia em que uma doutrina se torna prática, eles a abandonam ao vulgo: já não lhes pertence mais.”<sup>50</sup>

Clara e insistente defesa sobre a importância do desenvolvimento científico desinteressado, onde era imprescindível a existência de homens sedentos de saber sem nenhuma conotação utilitária.

Georges Leopold Cuvier (1769-1832), autor do discurso, fazia parte de uma elite oficial, benquisto pelo governo, desde a época napoleônica. É considerado um dos iniciadores da paleontologia e da anatomia comparada. Foi protagonista de grandes discussões entre os que acreditavam no “fixismo” das espécies vivas existentes (onde se enquadrava) e os que acreditavam no transformismo. Neste sentido, travou discussões com Jean Baptiste Pierre Antonie de Monet Lamarck (1744-1829) e mais tarde com Auguste Saint Hillaire (1779-1853) em 1930. Mais acorde com as idéias bíblicas, atribuía as mudanças da fauna a revoluções e catástrofes que teriam ocorrido no globo terrestre, em oposição ao transformismo que privilegiava a variação das formas animais no curso dos tempos geológicos, pela hereditariedade dos caracteres adquiridos sob a influência do meio, do regime e dos usos dos órgãos. A teoria catastrófica de Cuvier gozou de grande voga na Grã-Bretanha. A classificação dos seres elaborada por Cuvier, em Reino Animal (1817) se baseia na anatomia comparada e o estudo das espécies vivas é pela primeira vez associado ao das espécies fósseis, lançando os fundamentos da ciência dos seres desaparecidos.<sup>51</sup>

<sup>48</sup> Idem, *ibid*, 14 de setembro de 1816.

<sup>49</sup> Minuciosamente Cuvier descreve a relação entre ciência e sociedade no artigo publicado nos nºs 74 e 75, de 18 de setembro de 1816.

<sup>50</sup> Idem, nº 76, de 21 de setembro de 1816.

<sup>51</sup> Ver Taton, *op. cit.*, tomo III, v. 2, p. 112 e seg., v. 3, p. 7 e seg.; Mason, *op. cit.*, p. 307 e seg.; Asimov, *op. cit.*, p. 212 e Daumas, *op. cit.*, p. 1206 e seg.

Um artigo como este, longo e denso em idéias, destoando por completo do estilo já configurado da *A Gazeta*, além de que, dentro do campo científico certamente muito sugestivo e polêmico só poderia vir a lume indicado por mentes acostumadas às discussões sobre a ciência e sobre o papel e a importância da ciência para a sociedade. Deve-se lembrar que a junta diretora da Imprensa Régia, como já foi apontado anteriormente, era constituída por intelectuais de muito respeito na época. De início, formada por José Bernardo de Castro, José da Silva Lisboa (Visconde de Cairu) e Mariano José Pereira da Fonseca (Marquês de Maricá) e a partir de 1815, sendo alvo de uma remodelação em sua organização, absorve mais um novo membro para Junta, Silvestre Pinheiro Ferreira, e se substituí Mariano da Fonseca por José Saturnino da Costa Pereira. Já foi dito anteriormente que todos essas personagens eram ligadas por algum meio a atividades científicas da corte. É certo que esses indivíduos tiveram participação direta na escolha dessa matéria, traduzindo e publicando. Além disso na direção da *Gazeta* tinha a figura de Manoel Ferreira Guimarães, que além de professor da Academia Real Militar havia sido o editor do *O Patriota* e um dos que mais produziu manuais – de matemática e correlatos – para o curso militar na Corte. O que permanece estranho é que nenhum tipo de continuidade tenha sido observado. A publicação do discurso de Cuvier é realmente singular, no ano de 1816. Nesse ano ocorreram também alguns fatos importantes para o meio cultural: em 5 de março de 1816, cria-se o Instituto Acadêmico; em doze de agosto de 1816, criam-se cursos de Belas Artes, tendo como base a Missão Artística<sup>52</sup> que vem ao Brasil.

## Conclusão

A *Gazeta do Rio de Janeiro*, por tudo isso, foi um jornal importante para a divulgação da ciência no Brasil. Evidentemente que se pode dizer serem escassos os artigos versando sobre atividades científicas – a considerar o período de mais de uma década – mas também não foram efervescentes as atividades científicas no Brasil no sentido de criativo, apesar de um abrupto despertar, os fatos científicos ficaram bem circunscritos à adoção, à divulgação, ao ensino das ciências não ocorrendo a passagem para um patamar de criação e descoberta de saberes originais. Além do mais, a proposta da *Gazeta* não era a de difusão do saber científico. Reportou pois com naturalidade algumas notícias sobre as Academias Militares, instituições importantes na época, sobre cursos, sobre memórias técnicas e sobretudo sobre obras científicas vendidas nas livrarias. Mas tudo isto era novidade no Brasil, portanto, contribuiu para formar as primeiras opiniões, mais públicas, sobre a importância das atividades científicas para o país. O ponto alto do jornal, é a publicação do discurso de Cuvier. O discurso mostra bem claro que o avanço da ciência, na época dependia de como se relacionavam as questões teóricas da ciência e sua aplicação prática. Segundo Cuvier, no passado a ciência dependeu muito do acaso e, por vezes, homens não tão bem dotados em conhecimentos científicos podiam ser responsáveis por incrementos no saber, mas no presente estágio da civilização só pode haver avanços da ciência, considerando a participação de homens bem treinados nas atividades científicas, “só pelas meditações das almas superiores”, como ele disse em seu discurso, pode se obter grandes descobertas práticas. O rigor das indagações científicas tornou-se requisito fundamental para o avanço da ciência e, portanto, das possibilidades de aplicações práticas. O desenvolvimento da ciência passava a depender em sua essência de como se dava a relação entre saber enquanto teoria, com o seu rigor, e adestramento dos cientistas, e a aplicação prática.

<sup>52</sup> A Missão Artística francesa que veio ao Brasil, aportando em 26 de março de 1816, foi montada por Joaquim Lebreton, amigo de Humboldt. Ele conseguiu reunir os seguintes artistas: Nicolau Antonio Taunay, Jean Baptiste Debret, Augusto Taunay, Grandjean de Montigny, Simão Pradier, Stigismund Neukomm e Francisco Ovide, respectivamente pintores, escultor, arquiteto, músico, compositor, gravador e engenheiro mecânico. Trazia consigo Augusto Taunay o assistente François Bonrepos; Grandjean de Montigny, dois auxiliares: Louis S. Meunié, especialista em estereotomia, e Carlos Levasseur. O grupo de mestres artificiais enumerava: Nicolau Migliori Enout, serralheiro; Louis e Hipolite Roy (pai e filho), carpinteiros de seges; Fabre e Püilite curtidores de peles; e o mestre ferreiro Level, especialista em construção naval. J. F. de Almeida Prado. *O artista Debret e o Brasil*. Brasilana 386. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1990. Considerando outros acompanhantes, membros da família e agregados (mulher, filhos e empregadas etc.) a missão totalizava 40 pessoas.

O Jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*, sem dúvida foi coadjuvante na constituição da cultura científica brasileira. Em termos de periódicos, produzidos no Brasil, foi suplantado nesse objetivo pelo *O Patriota*,<sup>53</sup> e considerando os jornais produzidos na Inglaterra, é evidente que ele não foi tão pujante nas matérias científicas como o *Correio Brasiliense* e *O Investigador Português*. O que não se poderia, entretanto, é imaginar que as coisas científicas prosperassem a largos passos, apesar de toda as medidas joaninas favorecendo o desenvolvimento da ciência se aqui ainda perdurava a escravidão que, no século XIX, não auxiliava em nada a criação científica.

Anexo

ANUNCIOS DE LIVROS NO JORNAL  
A GAZETA DO RIO DE JANEIRO

LIVROS DE CIÊNCIAS NATURAIS OU DE IMPORTÂNCIA PARA A CULTURA CIENTÍFICA  
(Manuais, Memórias Técnicas, Cartas Régias, Discursos, etc.)

TÍTULO	DATA	PREÇO (RÉIS)
Elementos de Geometria de Legendre, traduzidos por Manoel Francisco de Araújo Guimarães, Capitão do Real Corpo de Engenheiros, e Lente de Matemática da Academia Real de Guardas-Marinha e, juntamente, Tratado de Trigonometria do mesmo autor, traduzido pelo mesmo, mandada imprimir um e outra obra por S.A.R, e destinada pelo mesmo Augusto Sr. para uso na Academia Real militar: o que tanto recomenda o merecimento da obra, como manifesta o Paternal cuidado de S.A.R. na educação de seus vassallos. vende-se na Loja da Gazeta e na de Manoel Jorge	18/10/1809	1\$600
Reflexões sobre alguns dos meios propostos por mais conducentes para melhorar o clima da Cidade do Rio de Janeiro, por Manuel Vieira da Silva, Conselheiro Físico Mor, Doutor	29/10/1809	320
Tratado Elementar da Análise Matemática, por F. A. F. Cousin, membro do Instituto Nacional e Professor do Colégio de França, traduzido do Francês, de ordem de S.A.R. por Manoel Francisco de Araújo Guimarães.	17/01/1810	640
Preâmbulo do Ensaio Filosófico, e Político sobre a Capitania do Ceará, para servir a sua História Geral, pelo Sargento-Mor, e Naturalista João da Silva Feijó, encarregado das Investigações Filosóficas da mesma Capitania	13/06/1810	120
Memória de Francisco Ignácio de Sequeira Nobre, e Descrição e Instruções da maneira com que se deve preparar o Tabaco Virgínea, etc.	13/06/1810	60

<sup>53</sup> Ver, de José Carlos de Oliveira. *A Cultura Científica no Brasil durante o governo de D. João* (1808-1821), tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, janeiro de 1998.

Passeios Instrutivos, ou Lições Elementares de Mineralogia, Botânica, e Química, Impressas por ordem de S.A.R. - 2 volumes.	11/07/1810	1920
Memória sobre a Canela do Rio de Janeiro, ou observações escritas a rogo do Senado da Câmara da mesma cidade, por Bernardo Antônio Gomes, Médico da Armada de S.A.R. e Capitão de Fragata Graduado.	21/07/1810	320
Notícia Histórica e abreviada para servir a Cultura de uma remessa de árvores especieiros [sic] e frutíferos etc. da Colônia de Caiena, Traduzida do Francês	21/07/1810	160
Tratado Elementar de Aritmética, por Lacroix, traduzido do Francês e acrescentado tábuas para redução das medidas francesas antigas e modernas entre si, a medidas portuguesas por Francisco Cordeiro da Silva Torres, sargento-mor do Real Corpo de Engenheiros.	05/09/1810	1\$000
Efemérides Náuticas ou Diário Astronômico para o ano de 1810, calculado para o Meridiano do Rio de Janeiro, por ordem de S.A.R., o Príncipe Regente Nosso Senhor, por Joaquim Ignácio Moreira Dias, Capitão de Fragata da Armada Real. Vende-se na Biblioteca da Real Academia dos Guardas Marinhas	26/12/1810	640
Compêndio da Arte de Partos para uso dos praticantes de Cirurgia e parteiras, ordenado e dedicado à muita alta e poderosa senhora, por Jacinto da Costa Cirurgião do Hospital Real da Marinha	23/01/1811	1\$280
Ensaio sobre a arte de Formular, extraído dos Elementos de Terapêutica de Mr. Aliber, por Joaquim da Rocha Mazarem. Vende-se na Casa de Francisco Luis Saturnino, mercador de Livros.	06/03/1811	1\$280
Elementos de Álgebra de Leonardo Euler, tomo I, postos em linguagem para uso dos alunos da Academia Real Militar, da Análise Determinada. Vende-se na casa de Paula Martin e de Manoel Jorge.	24/04/1811	1\$600
Regimento de Boticários, para o ano de 1811	22/05/1811	960
ODE PINDARICA: ao Estabelecimento da Real Academia na Cidade do Rio de Janeiro dedicado à S.A.R. o Príncipe Regente Nosso Senhor no Faustoso dia de Seu Augusto nome, por João de Souza Pacheco, Sargento-Mor do Real Corpo de Engenheiros e Lente da mesma Academia (obra elegante), na loja da Gazeta do Rio de Janeiro.	26/06/1811	160
Aritmética Universal, para uso do Comércio, por José Maria Dantas Pereira	14/09/1811	4\$800

Várias Memórias Botânicas do Dr. Antônio José das Neves Mello, Lente de História natural e Agricultura na Universidade de Coimbra, entre as quais: Memórias sobre as Quinas, e Ensaio Brasiliense remetida pelo Príncipe Regente Nosso Senhor para uso dos Hospitais do Reino de Portugal.	19/10/1811	320
Método de Curar segura e prontamente o Antraz ou Carbúnculo, e a Pústula Maligna oferecido aos seus compatriota por Luiz Santa Anna Gomes.	19/10/1811	480
Memória econômica sobre a raça do gado lanígero na Capitania do Ceará com os meios de organizar os seus rebanhos por princípios rurais, aperfeiçoar a espécie atual das suas ovelhas, e conduzir-se no tratamento delas, e de suas lãs em utilidade geral do Comércio do Brasil, prosperidade da mesma capitania, escrita, e oferecida ao príncipe Regente Nosso Senhor pelo Tenente Coronel João da Silva Feijó, Naturalista da mesma capitania, e sócio correspondente da Real Academia de Ciências de Lisboa.	19/10/1811	480
Elementos de Álgebra por Mr. Lacroix, traduzidos em português por ordem de S.A.R. o Príncipe Regente Nosso Senhor, para uso dos alunos da Real Academia Militar desta Corte, por Francisco Cordeiro da Silva Torres, sargento mor do Real Corpo de Engenheiros e Lente da mesma Academia, vende-se na Loja da Gazeta, na de Manoel Jorge da Silva e na de José Antônio da Silva.	29/02/1812	1\$600
Memória sobre Encefalo-cele acompanhada da observação de uma Hidro-encefalo-cele curada no Hospital Real Militar da Corte do Rio de Janeiro e recolhida por Domingos Guimarães Pereira, Natural do Recife, Pernambuco, Estudante de Anatomia e Cirurgia no sobredito Hospital.	29/02/1812	320
Plano de Organização de uma Escola Médico Cirúrgica, que por ordem de S.A.R. o príncipe Regente Nosso Senhor traçou, e escreveu o Dr. Vicente Navarro d' Andrade, Cavaleiro da Ordem de Cristo, opositor as Cadeiras de Medicina da Universidade de Coimbra, Membro da Sociedade de Medicina de Paris e da Sociedade Médica de Emulação.	11/04/1812	600
Efemérides Náuticas, ou Diário Astronômico para o ano de 1813, calculado para o meridiano do Rio de Janeiro, por ordem de S.A.R por Joaquim Ignacio Moreira Dias, coronel de infantaria. Vende-se na Imprensa Régia e na Loja de José Antônio da Silva.	15/08/1812	1\$600
Elementos de Geometria Descritiva com aplicação as Artes, por José Vitorino dos Santos, Lente da Academia Real Militar.	14/11/1812	1\$700

Tratado Elementar de Cálculo Diferencial e Cálculo Integral, por Lacroix, traduzido por Francisco Cordeiro da Silva Torres, para uso na Academia Militar, Lente da mesma Academia, parte I (parte sobre Cálculo Integral esta no prelo)	14/11/1812	
Tratado Elementar de Mecânica, por Francoeur, tradução por José Saturnino da Costa Pereira, para uso na Academia Real Militar, Lente da mesma Academia, Parte I, Estática, Parte II Dinâmica.	14/11/1812	1\$800
Varição dos triângulos Esféricos, para uso na Academia Real Militar, por Manoel Francisco de Araújo, Lente da mesma Academia.	14/11/1812	
Tratado Elementar de Física, pelo Abbade Haüy, segunda edição, revista e consideravelmente aumentada, traduzida do vulgar, tomo I.	21/11/1812	2\$560
Indagações Fisiológicas sobre a vida, e a morte, por Xavier Bichat, segunda parte, Tradução por Joaquim da Rocha Mazarém	21/11/1812	640
Tratado Elementar de Mecânica, por Francoeur, traduzido por José Saturnino da Costa Pereira, para uso dos alunos da Academia Real Militar, Lente da mesma Academia, parte III, hidrostática	21/11/1812	1\$280
Efemérides Náuticas, ou Diário Astronômico para o ano de 1813, calculado para o meridiano do Rio de Janeiro, por ordem de S.A.R., por Joaquim Ignácio Moreira Dias.	05/12/1812	1\$600
Tratado Elementar de Mecânica, por Francoeur, traduzido por José Saturnino da Costa Pereira, para uso na Academia Real Militar, Lente da mesma Academia, parte IV, Hidrodinâmica.	13/01/1813	1\$600
Tratado Elementar de Física, Abbade Haüy, 2ª edição, revista e aumentada, traduzida em vulgar, tomo II.	13/01/1813	2\$880
O Patriota, Jornal Literário. Político, Mercantil, etc., nº 1, na loja de Paulo Martin.	30/01/1813	800
Subscrição do O Patriota, semestral, 6 números.	30/01/1813	4\$000
Reflexões Militares sobre a Campanha do Franceses em Portugal, por João de Souza Pacheco Leitão, Lente da Academia Real Militar.	06/02/1814	960
Decreto de primeiro de abril de 1813, aprovando o Plano de Estudos de Cirurgia oferecido por Manoel Luis Alvares de Carvalho, Medico honorário da Real Câmara, etc. junto com o mesmo plano para que sirva de Estatutos do Curso de Cirurgia no Hospital de Santa Casa de Misericórdia desta Corte.	07/04/1813	240

Cartas ao autor da História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração desta Monarquia por Francisco de Borja Gastão Stockler.	16/06/1813	960
Tratado Elementar da Arte Militar e da Fortificação, Mr. Guy de Vernon, traduzido por ordem Superior para uso dos alunos da Academia Real Militar do Rio de Janeiro, com algumas alterações e notas críticas, por João de Souza Pacheco Leitão, tomo I	11/08/1813	3\$000
Preleções Filosóficas, por Silvestre Pinheiro Ferreira, 1ª preleção, Loja da Gazeta. e Notas sobre os princípios de Mecânica de José Anastácio Cunha, pelo mesmo autor.	21/07/1813	200
Patriota, Jornal Literário, Político e Mercantil, etc., nº 2.	21/07/1813	800
Efemérides Náuticas, ou Diário Astronômico para o ano de 1814, calculado para o meridiano do Rio de Janeiro, por ordem de S.A.R., por Joaquim Ignácio Moreira Dias.	11/09/1813	1\$280
Preleções Filosóficas, por Silvestre Pinheiro Ferreira, 3ª.	30/10/1813	120
Aforismos sobre Hemorragias Uterinas e Convulsões Puerperal, por Thomaz Demmn, MD. Traduzidos em vulgar por Manoel Alvares da Costa Barreto, 1º Cirurgião Mor do Reino Honorário, reimpressos por ordem do Príncipe Regente nosso Senhor para uso nas escolas Médicas Cirúrgicas novamente reguladas no Brasil	23/02/1814	
Aforismos sobre aplicação, e uso do Forceps, e Vectis, e sobre partes preternaturais, partos acompanhados de hemorragia, e de convulsões, por Thomaz Demman, traduzido pelo Manoel Alvares da Costa Barreto, para uso nas Escolas Medicina e Cirurgia, em volume separado [fazia parte da obra anteriormente registrada]	23/02/1814	480
Tratado de Ótica, por Lacaille, traduzido sobre a nova edição de 1808, com as correções e adições dos discípulos da Escola Politécnica, para uso da Real Academia Militar da Corte, 1º volume.	14/05/1814	960
Elementos de Astronomia, para uso dos alunos da Academia Real Militar ordenado por Manoel Francisco de Araújo Guimarães, sargento mor do Real Corpo de Engenheiros e lente do 4º ano da referida Academia, I volume	14/05/1814	1\$280
O Patriota, Jornal Literário, Político, Mercantil, etc., 3ª subscrição, nº 1	21/05/1814	1\$200
Preleções Filosóficas, 9ª Preleção, por Silvestre Pinheiro Ferreira, tratando sobre Categorias de Aristóteles, traduzidas do grego e ordenadas conforme a um novo plano pelo mesmo autor, para uso nas Preleções Filosóficas	11/06/1814	200



Tratado Elementar de Cálculo Diferencial e Cálculo Integral, por Lacroix, por ordem de S.A.R. traduzido em Português para uso dos Alunos da Real Academia Militar desta Corte, por Francisco Cordeiro da Silva Torres, Sargento Mor do Real corpo de Engenheiros e Lente da mesma Academia, Parte II, Cálculo Integral.	03/09/1814	2\$000
Dissertações sobre Fortificação Permanente, sobre Fortificação de Campanha, e sobre o Alcance das Bombas, por Hennert, Professor de Matemática, traduzidas, corrigidas e emendadas por Joaquim Ignácio de Lima, oficial de Artilharia, tomo I	10/09/1814	320
Efemérides Náuticas, ou Diário Astronômico para o ano de 1815, calculado para o meridiano do Rio de Janeiro, por ordem de S.A.R., por Joaquim Ignácio Moreira Dias.	19/11/1814	960
Preleções Filosóficas, 10ª, por Silvestre Pinheiro Ferreira, Continuação das Categorias de Aristóteles. (começa a 3ª subscrição das Preleções)	19/11/1814	160
Livros chegados da Bahia: Compêndio Aritmético	07/12/1814	240
Tratado de Febre por Manuel Joaquim Henrique Paiva	07/12/1814	480
Impugnação Analítica ao exame feito pelos Clínicos Antônio Pedro de Souza e Manoel Quintão da Silva, em uma rapariga, que julgaram Santa na Capela da Senhora da Piedade da Serra. (Este discurso tem merecido a atenção dos mais hábeis professores de Medicina).	18/12/1814	320
Preleções Filosóficas, XI e XII lições, Silvestre Pinheiro Ferreira.	14/01/1815	400
Preleções Filosófica, XIII à XVI lições, Silvestre Pinheiro Ferreira	01/03/1815	140
Compêndio de Botânica por Brotero, 2 volumes	08/04/1815	6\$400
Cartas sobre a Botânica por Rousseau, 1 volume	08/04/1815	1\$200
Filosofia Química de Fourcroy, 1 volume	08/04/1815	2\$000
Lições Elementares de Mineralogia, Botânica e Química, Impresso de ordem de S.A.R, 2 volumes.	08/04/1815	2\$240
Química de Seabra, 1 volume	08/04/1815	5\$760
Tábuas Sinóticas ou Lições elementares de Química, por Fourcroy, 1 volume	08/04/1815	4\$800
Flora Lusitânia, por Brotero, 2 volumes	08/04/1815	8\$000
Química de Paiva, 1 volume	08/04/1815	2\$400

Lições de História Natural, 1 volume	08/04/1815	960
Elemento de Geodésica, para uso dos discípulos da Academia Real Militar, desta Corte por Manoel Francisco de Araújo Guimarães, Lente da mesma Academia.	31/05/1815	2\$400
Arquitetura Militar, d'Antoni	23/08/1815	12\$800
O Engenheiro Português por Manuel Azevedo Fortes	23/08/1815	8\$000
Tratado de Anatomia, da Myologia, 2ª e 3ª partes, pelo autor da 1ª, José Soares de Castro, Cirurgião Mor do Real Hospital Militar, Lente da Cadeira Régia de Anatomia e Operações Cirúrgicas, e Delegado do Cirurgião Mor dos Reais Exércitos na Cidade e Capitania da Bahia, 2 volumes.	01/09/1815	2\$560
Memórias fisiológicas, práticas sobre o Aneurisma, e a ligadura das Artérias, por F. P. Maunoir, Membro da Sociedade para o Progresso das Artes, e da História, Natural de Genebra, traduzida pelo dito José Soares de Castro	01/09/1815	480
Preleções Filosóficas, por Silvestre Pinheiro Ferreira, XVII à XXII lições.	07/10/1815	1\$000
Obras completas de Mr. Bichat em Francês, 10 volumes.	27/12/1815	41\$000
Obras Bichat, em separado. Anatomia Geral, 4 volumes	27/12/1815	16\$000
Anatomia Descritiva, 5 volumes.	27/12/1815	21\$600
Indagações sobre a Vida e a Morte, 1 volume	27/12/1815	4\$800
Farmacopéia de Lewi's, 3 volumes	27/12/1815	9\$600
Cirurgia de La Faye	27/12/1815	2\$240
Memória sobre o enxugo geral da Cidade do Rio de Janeiro, feita e apresentada a S.A.R., Príncipe Regente Nosso Senhor, em 4/03/1811, e novamente adicionada e apresentada ao mesmo Augusto Senhor, em 15/05/1815, por José Joaquim de Santa Anna, capitão do Real Corpo de Engenheiros e Arquitecto da dita cidade.	21/02/1816	320
Vade-Meccum do Cirurgião, ou Tratado dos Sintomas, Causas e Tratamento das Moléstias Cirúrgicas, e sua correspondente Operação, incluindo o Dicionário Etimológico dos Termos da arte com uma seleção de Fórmula em que se descreve o uso, virtude e dose dos remédios nas diferentes moléstias, por Antônio José de Souza Pinto.	17/03/1816	4\$000
Matéria Médica por Antônio José de Souza Pinto	17/03/1816	4\$800

**Revista da SBHC, n. 17, p. 29-58, 1997**

Elementos de Farmácia, por Antônio José de Souza Pinto.	17/03/1816	3\$200
Farmacopéia Química, por Antônio José de Souza Pinto	17/03/1816	3\$200
Quadro Elementar da História Natural dos Animais, traduzidas do Francês, por Antônio de Almeida, 2 volumes.	27/04/1816	6\$000
Tratado de Inflamação precedido da Fisiologia e Patologia necessária para Inteligência da Teoria desta moléstia por Antônio de Almeida, 4 volumes.	27/04/1816	9\$600
Medicina Operatória e Feridas de Armas de Fogo, por Antônio de Almeida, 5 volumes.	27/04/1816	12\$800
Discurso sobre a Arte de Curar escrita por Antônio de Almeida na abertura das aulas de Cirurgia no ano de 1815.	27/04/1816	960
Preleções Filosóficas, XXIII lição, por Silvestre Pinheiro Ferreira.	03/08/1816	240
Elementos da Doenças Cirúrgicas, de Delpech, Paris, 1816, 3 volumes (moderníssima obra em Francês).	22/02/1817	12\$000
Elementos de Desenho e Pintura e Regras de Perspectiva, Manoel Joaquim da Silva	22/03/1817	*****
Efemérides Náuticas, ou Diário Astronômico, para o ano de 1818, calculado para o meridiano do Rio de Janeiro, por ordem de S.A.R. por Joaquim Ignácio Moreira Dias.	28/06/1817	960
Método de Curar Tifo, ou Febre Maligna, por Manoel Joaquim Henrique de Paiva.	05/07/1817	1\$600
Da Febre e sua Curação [sic] em geral por meio de ácidos minerais, por Joaquim Henrique de Paiva	05/07/1817	960
Higiene, ou Arte de Conservar a Vida, por Francisco Mello Franco, 2 volumes.	05/07/1817	4\$800
Conhecimento prático dos Medicamentos, ou Nova Farmacopéia que compreende a Química Farmacêutica, as fórmulas ou receitas geralmente mais acreditadas, 3 volumes.(traduzido do Francês)	24/09/1817	9\$600
Formulário Farmacêutico adotado geralmente em toda a Europa, traduzido do Francês.	24/09/1817	2\$240
Traité Élémentaire de Minéralogie, por M. Brocham, 2 volumes	21/11/1818	8\$000
Traité Élémentaire de Minéralogie par M. Brongniart, 2 volumes.	21/11/1818	8\$000

Encyclopédie de l'ingénieur, ou Dictionnaire des ponts et chaussis, par M. Delaistre, 3 volumes e atlas.	21/11/1818	24\$000
Traité Élémentaire d' Art Militaire et de Fortification por Guy de Vernon, 2 volumes.	21/11/1818	14\$400
Essai général de Fortification et d'attaque et défense de Places, par M. de Bousmard, 4 volumes, e atlas.	21/11/1818	20\$400
Abregé de système de la Nature de Linné, histoire des mammaires ou des quadrupèdes et cétacées, par M. Gilbert, 1 volume.	21/11/1818	4\$000
Dictionnaire d'Histoire Naturelle, par M. Valmont-Bomare, 15 volumes.	21/11/1818	38\$400
Elementos de Anatomia compostas por Francisco Soares Franco, Lente da Universidade de Coimbra, para uso dos seus ouvintes, 2 volumes. (moderníssima)	06/02/1819	7\$200
Elementos de Anatomia composto por Francisco Soares Franco, Lente de Anatomia, Operações Cirúrgicas e Artes Obstetrícias, para uso de seus discpulos na Universidade de Coimbra, 1º e 2º tomo.	27/03/1819	4\$800
Tratado de Polícia Médica por José Pinheiro Soares, impressa em 1818 pela Academia de Ciências de Lisboa.	03/03/1819	*****
Índice Geral do Patriota, Jornal Literário, Político, Mercantil, etc. do Rio de Janeiro, o qual mostra sinteticamente quais são as obras, que compõe os 18 números daquele interessantíssimo periódico. Acham-se a venda Coleções completas do mencionado jornal, assim como exemplares de diferentes números. Coleção completa ...	01/05/1819	14\$000
O Patriota, números avulsos, 1ª e 2ª subscrição	01/05/1819	800
O Patriota, números avulsos, 3ª subscrição.	01/05/1819	1\$200
Le Spectacle de la Nature, ou Entretiens sur la Histoire Naturelle, 8 tomos	29/05/1819	9\$600
Efemérides Náuticas, ou Diário Astronômico para o ano de 1820, calculada para o Meridiano do Rio de Janeiro, por ordem de S.A.R., por Joaquim Ignácio Moreira Dias	18/09/1819	960
Tratado Elementar de Análise Matemática, por F. A. F. Cousin, para uso dos Alunos da Academia Real Militar, traduzida do Francês, de ordem de S.A.R., por Francisco Manoel de Araújo Guimarães.	18/09/1819	960
Ensaio Histórico sobre a origem e progresso das Matemáticas em Portugal, por Francisco de Borja Garção Stockler, 1 volume, impresso em Paris no corrente ano de 1819.	09/10/1819	960

Revista da SBHC, n. 17, p. 29-58, 1997

Academia Filosófica, que ensina os primeiros conhecimentos humanos, ou as noções gerais de todas as artes, de todos os ofícios úteis ou bem comum da sociedade, 5 tomos por Fr. Manoel Joaquim da Mãe dos Homens.

01/12/1819 7\$000

Breve Tratado de Higiene Militar e Naval por Joaquim Xavier da Silva, Ajudante dos Lentes da Universidade de Coimbra e Médico Honorário da Câmara de sua majestade, impressa pela Real Academia de Ciências de Lisboa.

01/07/1820 3\$200

Physique de Biot, 2 tomos.

08/07/1820 7\$200

Astronomie, de Lalende, 3 volumes.  
Laplace Méchanique Celeste, 4 volumes

13/09/1820 28\$000

13/09/1820 32\$000

Astronomie de Biot, 3 volumes

13/09/1820 8\$000

Tabela construída com base nos anúncios do Gazeta do Rio de Janeiro 1809-1820.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASIMOV**, Isaac. *Cronologia das ciências e das descobertas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Enciclopédia biográfica de ciência y tecnologia*. Madrid: Revista del Occidente, S.A., Alianza Editorial, 1971
- BAHIA**, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990. 2. v.
- BERNAL**, John Desmond. *Ciência na história*. Lisboa: Livros Horizonte. v. 3.
- BRAVERMAN**, Harry. *Trabalho e capital monopolista: degradação do trabalho no Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- CARDOSO**, Walter. *A Adesão do Brasil setecentista à ciência moderna*. Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para obtenção do Grau de Doutor em História, 1991. mimeo.
- DAUMAS**, Maurice. *Histoire de la science: des origines au XXe siècle*. Encyclopédie de la Pléiade. Paris: Librairie Gallimard, 1957.
- FONSECA**, Maria Rachel de G. Froes da. "A Única Ciência é a Pátria": O Discurso Científico na construção do Brasil e do México (1770-1815). Tese apresentada ao Departamento de História da FFLCH – USP como requisito à obtenção do título de Doutor. São Paulo: 1996.
- MARTINS**, Wilson. *História da inteligência brasileira*. volume II (1794-1855), São Paulo: Editora Cultrix / Editora Universidade de São Paulo, 1977.
- MASON**, I. F. *História da Ciência*. Trad. Flavio e José Vellinho de Lacerda. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1962.
- OLIVEIRA**, José Carlos de. *A Cultura científica no Brasil durante o Governo de D. João VI (1808-1821)*. Tese apresentada ao Departamento de História da FFLCH – USP como requisito à obtenção do título de Doutor. São Paulo: 1998.
- RIZZINI**, Carlos. *O Livro, O Jornal e a Tipografia no Brasil: 1500-1822* (com um breve estudo geral sobre a informação, meios de comunicação, correio, catequese, ensino, sociedades literárias, maçonaria, etc). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, 1988.

**SACRAMENTO BLAKE**, Augusto Victorino Alves. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro, :  
Imprensa Nacional / Conselho Federal de Cultura, 1970. 7 v.

**TATON**, René. História geral das ciências. (Nº 9), Ciência Contemporânea - sec. XIX, tomo III, v. 2, 1960.

**WERNECK SODRÉ**, Nelson. *A História da Imprensa no Brasil* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

### Periódicos

*Correio Brasiliense*, Londres, Impresso por W. Lewis Paternoter-Row, volume I, nº 5, outubro de 1808, na  
seção "Literatura e Ciências

*Investigador Português* em Inglaterra ou Jornal Literário, Político, b&c., Londres, H. Bryer, Impressos,  
Bridge-Street, Blackfriais

*O Patriota*. Jornal Literário, Político, Mercantil. 1813/1814.

Gazeta do Rio de Janeiro

nº	Dia	Mês	Ano	nº	Dia	Mês	Ano	nº	Dia	Mês	Ano
23	24	Fevereiro	1809	27	3	Abril	1816	77	24	Setembro	1817
48	25	Fevereiro	1810	58	20	Julho	1816	20	11	Março	1818
25	28	Março	1810	60	27	Julho	1816	5	1	Julho	1818
58	21	Agosto	1810	69	28	Agosto	1816	56	15	Julho	1818
19	6	Março	1811	74	14	Setembro	1816	91	13	Março	1819
28	6	Abril	1811	75	18	Outubro	1816	26	31	Março	1819
30	14	Abril	1813	88	2	Novembro	1816	56	14	Julho	1819
15	19	Fevereiro	1814	92	16	Novembro	1816	60	28	Julho	1819
106	18	Dezembro	1814	102	21	Dezembro	1816	3	8	Janeiro	1820
15	21	Fevereiro	1816	5	15	Janeiro	1817	25	25	Março	1820
				26	29	Março	1817				

---

José Carlos de Oliveira é Doutor pela Universidade de São Paulo (USP) - Professor da UFRJ  
Endereço: Rua Conselheiro Macedo Soares, 18/104 - Lagoa  
CEP: 22.471-120 - Rio de Janeiro - RJ, Brasil

Revista da SBHC, n. 17, p. 29-58, 1997